

gistas (FAVORIT and MORGAN, — HENDERSON e colab. — FREEMAN e colab.) incluem também os antígenos bacterianos.

O pirogénio dá a reacção de Molish (col. vermelha com ácido sulfúrico e timol) e por hidrólise fornece açúcares redutores (7).

Estas características, conclui CO-TUI (7), condizem com as dos antígenos bacterianos.

Pelo exposto somos levados a admitir a hipótese de que o pirogénio seja formado pela reunião de moléculas proteicas, mais ou menos complexas, do grupo dos glico-proteídos.

PROPRIEDADES

a) *Termoestabilidade* — SEIBERT, nos seus estudos, já havia reconhecido a termoestabilidade do pirogénio. HORT e PENFOLD, igualmente demonstraram ser insuficiente a simples fervura ou autoclavagem para a sua destruição.

BANKS (14) demonstrou que a esterilização a 10 Kg., aproximadamente, de pressão por 5 horas, num meio alcalino (PH 8,2) e 2 h. de esterilização em meio ácido (PH 3,8) eliminaria a substância termogénica (pirogénio) das soluções.

A autoclavagem a 120° ou o calor seco a 160°-170°, afirma WELCH (12) não são suficientes para destruir o pirogénio, sendo eliminado no entanto a 250° por 40^m. Praticamente, anota o mesmo autor, uma temperatura de 200° por 2 horas é satisfatória, na indústria farmacêutica dos solutos injectáveis endovenosos.

As bactérias pirogénicas ou o pirogénio produzido pelo *Penicillium notatum*, não suportam temperaturas de 250° por 30 m. (12).

b) *Adsorção* — O pirogénio pode ser adsorvido pelo carvão vegetal, caulino e alumina (7). O adsorvente mais eficaz, segundo experiências de CO-TUI, é o amianto prensado, (cujos poros oscilam entre 50 milimicras e 1 micron) fabricado pela *Ertel Engineering Company*, de Nova York (7). Contudo é de notar que o processo e a capacidade de adsorção são limitados (7).

c) *Fenómeno de Tyndall* — Segundo LIBERALLI (15) o pirogénio apresenta a propriedade de tornar os líquidos ópticamente cheios, dando o fenómeno de Tyndall positivo.

d) *Ação dos agentes químicos* — É neutralizada a acção do pirogénio pelo aquecimento, durante 30 m., com soda cáustica ou ácidos fortes (7). O permanganato de potássio igualmente tem acção sobre os organismos pirogénicos (9).

Dá a reacção de Molish positiva e açúcares redutores por hidrólise, como já foi mencionado.

e) *Acção sobre os meios de cultura*—As bactérias pirogénicas têm a propriedade de liquefazer, quasi sempre, por hidrólise, os meios contendo hidróxido de potássio diluído, transformando-os numa massa gelatinosa, ao passo que as culturas não pirogénicas, não modificam o meio (6).

Esta reacção de gelificação igualmente é verificada em presença dos glóbulos vermelhos nucleados, mas não com glóbulos vermelhos anucleados (6).

f) *Propriedades fisiológicas*—CHAPMAN em 1942 (16), verificou, em coelhos, uma leucopénia acompanhada da reacção febril, quando da injeccção dum soluto contendo pirogénio.

BANDELIN (17) constatou que a injeccção endovenosa de solução pirogénica, em coelhos, produzia além de febre uma leucopénia inicial, seguida de uma leucocitose.

A leucopénia é representada por uma baixa de 4.000 a 9.000 glóbulos brancos, ocorrida nos primeiros 60-90 m., seguindo-se a leucocitose, representada por um aumento de 10.000 gl. br. ou mais.

Segundo o mesmo Autor, a febre e a leucocitose, tornam-se menos acentuadas com as diluições progressivas do pirogénio, desaparecendo primeiro o sintoma febre e só depois a reacção leucocitária; por outras palavras, a reacção leucocitária parece ser uma indicação mais sensível e rápida do pirogénio, do que a reacção febril (*).

Acêrca do pirogénio como agente terapêutico (piroterapia), já tivemos ocasião de nos referirmos quando tratámos da natureza do pirogénio.

IMPORTÂNCIA DO PIROGÉNIO EM HIPODERMOTERAPIA

Pelo exposto, temos a destacar a necessidade prática de preparar solutos isentos de pirogénio, que possam ser injectados sem causarem reacções.

Se bem que seja difícil eliminar por completo tôdas as fontes de pirogénio, no entanto se trabalharmos com material de confiança quanto a pirogénio (água, balões, filtros, produtos químicos, etc.) certamente que as reacções febris, ou outras, serão atenuadas ou relegadas para um segundo plano.

Não restam dúvidas que o processo mais pratico será o de

(*) Certos ácidos nucleínicos, «in vitro», apresentam estes fenómenos, e, «in vivo», produzem, de igual sorte que o pirogénio, leucopénia seguida de leucocitose, assim como a caracterfstica reacção febril.

filtração por adsorção, através das placas de amianto prensado (7). Assim eliminar-se-á o pirogénio eventualmente existente na água—pois que sendo esta recentemente redestilada e esterilizada pouco pirogénio contém, como já foi mencionado—assim como aquele que possa existir nos produtos químicos.

Segundo LEES e LEVY (18), em casos de emergência, poder-se-á obter água apirogénica, pela adição de carvão activado em pó à água potável, na proporção de 1:1000, agitando por 15 m., decantando e filtrando, através de papel de filtro.

Parece-nos no entanto que o processo não é cómodo e além disso a dificuldade que existe, em se obter carvões activados isentos de matérias minerais, poderá acarretar inconvenientes.

Há que tomar em linha de conta com o pirogénio eventualmente existente nas próprias ampolas, (o que de resto já foi anotado por WELCH (12)) levando-nos a admitir a hipótese que os casos esporádicos de reacções febris sejam devidos ao vidro, se bem que de boa qualidade, mas inquinado com bactérias pirogénicas, pois que não podemos saber se um dado fornecimento de ampolas é todo do mesmo lote de fabrico.

Por vezes há ainda que contar com factores de segunda ordem, tais como o talco, sílica ou matérias terrosas, cedidas pelos tubos de borracha, filtros, etc., referidos nos trabalhos de BIGGER e NELSON (19), que assim facilitariam o crescimento das bactérias, quando em contacto com o ar, exercendo a sua influência nas reacções febris observadas nos soros artificiais—que seriam de atribuir às proteínas bacterianas.

Como precaução suficiente e necessária—para evitar êste inconveniente e outros—a introduzir na rotina Laboratorial diária, deverá submeter-se à acção do calor a 200° por 2 horas, todo o material de vidro utilizado na preparação dos injectáveis endovenosos (balões, provetas, filtros, varetas, frascos e ampolas), assim como aquêlle que se empregue nos ensaios para o «test» do pirogénio (pipetas, frascos, tubos, seringas e agulhas).

Para a preparação dos injectáveis, o ideal seria trabalhar-se em câmaras assépticas; atendendo porém às condições e possibilidades de trabalho no nosso meio, poderemos e devemos adoptar as seguintes regras:

1.ª—Empregar água química e bacteriológicamente pura, isenta de pirogénio, obtida por bidestilação em presença de permanganato, com subsequente filtração adsorvente—com os filtros de amianto prensado; não sendo esta água de immediata utilização, recebê-la em frascos esterilizados, à prova de pirogénio, e submetê-la a esterilização, antes de 24 h.

2.º—Utilizar produtos químicos conservados ao abrigo da umidade, de pureza garantida.

3.º—Na preparação do soluto, utilizar todo o material de vidro e outro, isento de pirogénio, pelo processo do calor como já foi mencionado.

4.º—Feito o soluto, e antes de o introduzir nas ampolas ou frascos, filtrá-lo através de placas de amianto prensado.

5.º—Enchidas as ampolas, fechadas e esterilizadas, verificar em cada lote a sua apirogenia, por um ensaio biológico.

Trabalhando nestas condições, podemos obter com tóda a segurança solutos endovenosos isentos de reacções febris, garantindo à clínica médica um produto de confiança, eliminando assim certos inconvenientes que possam surgir, após a sua aplicação, quer se trate de soros artificiais, quer se trate de outros solutos injectáveis.

No caso de preparação de soros artificiais destinados a serem utilizados em volumes grandes, seria de aconselhar o emprêgo— em vez dos frascos ou balões normalmente utilizados entre nós— de frascos especiais em vidro neutro e bastante resistente, denominados *vacolifers* (como empregam, entre outros, os laboratórios americanos Baxter, Cutter, Abbott, etc.). Nestes frascos, em geral, as tubuladuras, os tubos de borracha e agulhas, são esterilizados separadamente, em envólucros hermêticamente fechados.

De harmonia com a opinião de Co-TUI, podemos ressaltar a necessidade de obter medicamentos endovenosos isentos de pirogénio, do mesmo modo que o cirurgião deve fazer assepsia nos seus trabalhos operatórios.

ENSAIOS

Verificada a grande importância do pirogénio nos solutos injectáveis endovenosos, procurou-se achar meios para pesquisar e dosear esta substância.

WELCH e colab. (20) conseguiram um método de preparação dum soluto padrão de pirogénio, a partir das substâncias termogénicas derivadas da *Pseudomonas aeruginosa*.

Este trabalho é confirmado num estudo biológico complementar levado a efeito por MACCLOSKEY (21).

Foi sob êste método que se decalcou o actual ensaio da Farmacopeia dos Estados Unidos da América, (5) como resultado de cuidadosos estudos feitos na «*Food and Drug Administration*» e Instituto Nacional de Saúde, assim como num grande número de Laboratórios.

Trabalhos de Co-TUI (22), indicam como material utilizado, o pirogénio purificado, extraído de vacinas de alta concentração, de *B. tíficos*, *B. subtilis* e *Proteus vulgaris*.

No mesmo trabalho de Co-TUI define-se a D.M.P (dose máxima pirogénica) como sendo a dose, por Kg. de animal em ensaio, no qual uma injeccção endovenosa provoca uma variação de temperatura de 0,5°-0,6° C. dentro de 4 horas.

Como não só têm sido propostos ensaios biológicos, mas também físicos e químicos, para a determinação quantitativa do pirogénio, classificaremos êstes em três grupos, que seguidamente vamos estudar com pormenores.

1) ENSAIO FÍSICO:

C. H. LIBERALI (15) baseando-se na propriedade do pirogénio tornar os líquidos ópticamente cheios, dando o fenómeno de Tyndall positivo, apresenta um método físico.

RIEDEL (23) apoia êste método dizendo ser o mais simples e racional, obviando as dificuldades de execução dos ensaios biológicos, dependentes de factores e variações por vezes irremovíveis, conduzindo a resultados de dúbia interpretação.

Na bibliografia consultada, não nos foi possível encontrar a técnica do ensaio.

2) ENSAIO QUÍMICO:

Funda-se na propriedade da matéria orgânica descorar o permanganato de potássio e foi descrito por CARTER (22).

Um método de descoloração do permanganato, segundo Co-TUI (22), não é sensível a doses da ordem do micrograma da substância pirogénica utilizada por êste autor.

Ê fácil compreender que êste ensaio não tem especificidade, pois que outras substâncias orgânicas redutoras poderão descorar o permanganato, não sendo igualmente aplicável êste método aos solutos que o reduzem.

Na prática, no entanto, como ensaio orientador, tem a sua utilidade.

A técnica a empregar é citada na Farm. dos Estados U. da América (X edição) :

100 cm³ de água à qual se adicionam 10 cm³ de ácido sulfúrico a 10 % e 0,1 cm³ de soluto N/10 de permanganato, são aquecidos à ebulição.

Persistindo a coloração rósea, após 10 m. de ebulição, a água poderá ser utilizada.

Outros aconselham uma menor quantidade de permanganato.

Admite-se porém, que podem determinar reacções, apenas 100 cm³ de um soro artificial preparado com água da qual 100 cm³ reduzam mais de 1 cm³ de uma solução N/10 de permanganato (6).

Co-TUI (22) classifica este método, como um macro-método.

3) ENSAIOS BIOLÓGICOS :

Experimentados vários animais de laboratório, (coelhos, cães, cobaias, ratos, etc.) chegou-se à conclusão de que o mais aconselhável seria o coelho, utilizando este animal como «test» do pirogénio, quer pela sua reacção febril, quer pela contagem de glóbulos brancos.

a) *Ensaio baseado na hiperpirexia :*

A última edição da Farmac. do E. U. A. (5) como já mencionámos, inclui uma técnica para este ensaio, baseada no aumento de temperatura, fixando-se a dose-volume em 10 cc./Kg. de coelho e empregando cinco animais numa única determinação.

Resumidamente, a técnica consta do seguinte :

Escolha do animal: São utilizados coelhos saudáveis, não pesando menos de 1 Kg., submetidos a um regime alimentar uniforme e que não acusem perdas de peso, pelo menos durante uma semana.

Preparação do animal: Determinam-se 4 temperaturas rectais, (com 2 h. de intervalo, 1 a 3 dias antes de serem utilizados) rejeitando os animais que hajam excedido 39°, 8 C.

Estes animais poderão ser empregados para outro ensaio passados 2 dias, desde que satisfaçam às condições acima mencionadas.

No dia do ensaio far-se-á nova determinação da temperatura, tomando-se esta como temperatura normal do animal.

Os animais são introduzidos em gaiolas individuais, ao abrigo de perturbações que os possam excitar, em especial no dia do ensaio.

Prática do ensaio: Injecta-se, na veia marginal da orelha,

10 cc. por Kg. de animal, do produto em estudo, previamente aquecido a 37° aproximadamente.

Registrar 3 temperaturas com intervalos de 1 hora, sendo a primeira temperatura tomada 1 hora após a injeção.

Conclusões: Considera-se positivo o ensaio se 3 ou mais dos 5 animais, acusarem uma elevação térmica individual superior ou igual a 0°,6, acima da temperatura normal estabelecida para cada um deles.

Se apenas um ou dois dos cinco coelhos acusarem resposta positiva, o ensaio será repetido num segundo grupo de animais.

Se 2 animais dêste 2.º grupo acusarem uma elevação de temperatura individual, igual ou superior a 0°,6 C., acima do normal pré-estabelecido, considera-se então a prova como positiva.

Como defeitos do método, Co-TUI (22) cita em primeiro lugar a falta de confiança, nas reacções pirogénicas para um único ensaio, com 5 coelhos; em 2.º lugar, baseando o ensaio em pirogénio de uma única origem, parte-se do princípio que todos os pirogénios agem com a mesma intensidade no homem e nos animais.

«Finalmente, — escreve Co-TUI (22) — o uso duma dose fixa de 10 cc. leva-nos a desprezar as variações no factor dosagem».

Pelas razões expostas Co-TUI preconiza o emprêgo de uma dose-volume a injectar, nos coelhos, calculada na base por Kg., consoante a dose máxima aplicada no homem.

A 3 coelhos aplicar-se-ia a dose calculada, enquanto que no 4.º e 5.º coelhos aplicar-se-iam 2 e 4 vezes a dose, respectivamente.

Quatro resultados se podem dar:

1.º — Reacção positiva nos 5 coelhos, significando que o conteúdo em pirogénio, da amostra, é tão elevado que provoca efeito máximo.

2.º — Reacção negativa nos 5 coelhos; os coelhos n.ºs 4 e 5 reafirmariam a reacção negativa nos n.ºs 1, 2 e 3.

3.º — Reacção, apenas suspeita, nos coelhos n.ºs 1, 2 e 3, enquanto que nos n.ºs 4 e 5 aparece uma fraca reacção. Isto significaria que o pirogénio da amostra é moderado.

4.º — Reacção negativa nos coelhos n.ºs 1, 2 e 3, enquanto que nos coelhos n.ºs 4 e 5 existe reacção positiva. Isto significaria traços de pirogénio.

Estamos em presença duma modificação, que apresenta a vantagem de ser mais rigorosa do que o ensaio da Farmacopeia Americana.

b) — *Ensaio baseado na leucopénia:*

BANDELIN (17) e WELCH (12) baseando-se nas propriedades fisiológicas, já apontadas (pág. 8), que consiste na verificação de uma leucopénia e subsequente leucocitose, preconizaram um novo método.

WELCH anota que os coelhos podem usar-se repetidas vezes no ensaio.

BOSE e AHUJA (24) por experiências feitas em 100 coelhos, chegaram, no entanto, à conclusão de que o «test» da leucopénia é inferior ao da hiperpirexia.

Estamos convencidos que o ensaio baseado na hiperpirexia apresenta vantagens não só de mais fácil execução como de segurança, já confirmada por inúmeros laboratórios.

SUMÁRIO

1 — Nesta revisão de conjunto o A. resume, numa primeira parte, a história do pirogénio, desde WECHSELMAN (1911) e HORT e PENFOLD, focando depois os memoráveis trabalhos de SEIBERT (1923-26) como precursores dos actuais conhecimentos sobre o assunto devidos a Co-TUI, WELCH e colab., etc.

2 — Seguidamente aborda a origem bacteriana do pirogénio registando como suas principais origens os géneros *Achromobacter* e *Escherichia*, assim como as cromobactérias da água, anotando igualmente a opinião de Co-TUI, que também lhe atribui origem fúngica.

3 — No capítulo seguinte, refere-se à existência de bactérias pirogénicas, não só na água, como no ar, drogas (sobretudo produtos higroscópicos e facilmente cultiváveis), tubos de borracha, material de vidro, etc.

4 — Quanto à natureza do pirogénio há que atribuir-lhe uma estrutura proteica, mais ou menos complexa.

5 — Passa em revisão as propriedades físicas, químicas, biológicas (nos meios de cultura), e fisiológicas donde se inferem as bases para os ensaios de controle.

6 — Merece especial referência a importância do pirogénio na hipodermoterápia, apontando em linhas gerais, a técnica a seguir para a preparação dos injectáveis endovenosos isentos de pirogénio, por filtração adsorvente através de filtros especiais de amianto prensado.

7 — Finalmente citam-se os métodos de dosagem do pirogénio, (físico, químico e biológico) fazendo-se a crítica ao ensaio da Farm. dos E. U. A., e referindo-se uma modificação do mesmo

BIBLIOGRAFIA

- (1) WECHSELMAN, Munch. Med. Wochshr., apud: Rev. Quim. e Farm., 5-8,12 (1944).
- (2) HORT, R. C., and PENFOLD, W. J., Brit. Med. J. apud: Rev. Quim e Farm., 5-8 (1944).
- (3) SEIBERT, F. B.—Am. J. Physiol., apud: Rev. Quim e Far., 5-8,12 (1944).
- (4) COOPER J. W. and DYER—«Dispensing for Pharm. Students» (1936).
- (5) Farmacopoeia of the United States XII—1942.
- (6) OTTENSOOSER F.—Arquivos de Biologia, 253,2 (1943).
- (7) CO-TUI—J. Am. Ph. Assoc. (Prat. Edit.) 5,60 (1944).
- (8) CERDA V. R. Y IGLESIAS G.—«Med. inyect., Teoria y practica de su preparaçõ». Valencia (1944), 77 apud: Carvalho L. S., Not. Farm., 7-8,327 (1945).
- (9) CARVALHO L. S.—Not. Farm., 7-8,327 (1945).
- (10) BOLTON M.—Zeitschr. f. Hygiene (1886), apud: Not. Farm., 7-8,321 (1945).
- (11) GRAY J. S., CULMER C. U. F. COLAB.—Proc. Soc. Expol. Biol. Med. 43 (1940), 225, apud: J. A. Ph. Assoc.—Abstracts, 24,424 (1940).
- (12) WELCH H. F. COLAB.—J. A. Ph. Assoc. 34,114 (1945).
- (13) NEVES E. C., Rev. Quim. e Farm., 5,97 (1943).
- (14) BANKS H. M.—Am. J. Clin. Path., 4,260 (1943) apud: J. A. Ph. Assoc., 34,114 (1945).
- (15) LIBERALLI C. H., apud: Riedel O.—Gaz. Farm., 157,24 (1945).
- (16) CHAPMAN C. J.—Quart. J. Ph. Pharmac., 15,361—apud: Gaz. Farm., 157,24 (1945).
- (17) BANDELIN F. J.—J. A. Ph. Assoc. 34,148 (1945).
- (18) LEES J. C. and LEVY C. A.—B. H. J. 4132 (1940), 430, apud: J. A. Ph. Assoc., Abstracts—30,187 (1941).
- (19) BIGGER e NELSON—J. Path. Bact., 53,189 (1940), apud: Lancet 6170,673 (1941).
- (20) WELCH H. F. COLAB., J. A. Ph. Assoc., 32,65 (1943).
- (21) MACCLOSKEY W. T. e COLAB.—J. A. Ph. Assoc., 32,69 (1944).
- (22) CO-TUI—Rev. Quim. e Farm., 5-8,16 (1944).
- (23) RIEDEL O.—Gaz. Farm., 157,24 (1945).
- (24) BOSE B. C. and AHUJA M. L.—Ind. J. Med. Research, 32,9-14 (1941) apud: J. A. Ph. Assoc., 32,135 (1945).

Centro de Documentação Farmacêutica

L SBOA, OUTUBRO, 1945
da Ordem dos Farmacêuticos

MOVIMENTO DE ESTUPEFACIENTES

De harmonia com o Decreto 12.210 deve enviar-se, todos os trimestres, à Inspeção do Exercício Farmacêutico, *em duplicado*, o MAPA DO MOVIMENTO DE ESTUPEFACIENTES.

ACTIVIDADE CIENTÍFICA **NACIONAL E ESTRANGEIRA**

Sociedades — Congressos — Actualidades

CONGRESSO LUSO-ESPANHOL PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS

A Secretaria da A. P. P. C. comunica que, em virtude de dificuldades para a realização nas Canárias do próximo Congresso Luso-Espanhol para o progresso das Ciências, foi resolvido que êle se reúna em San Sebastian, de 5 a 12 de Outubro do próximo ano.

PROF. DOUTOR RAUL LUPI NOGUEIRA

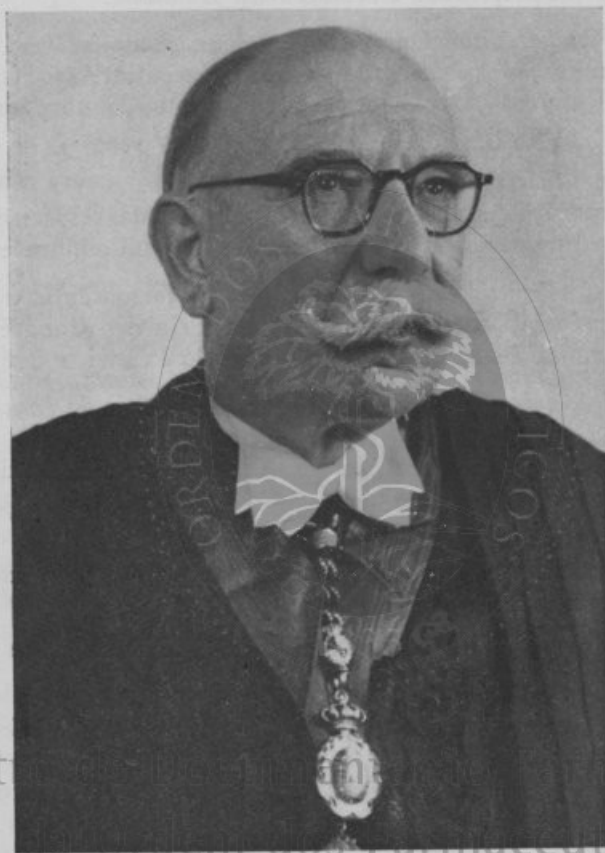
No passado dia 27 de Setembro, faleceu inesperadamente, em Galamares, onde se encontrava com a sua Ex.^{ma} esposa e filhos, o Director da Escola de Farmácia da Universidade de Lisboa, Professor Doutor Raúl Lupi Nogueira.

Nada deixava antever para tão cedo o desaparecimento de tão ilustre Mestre, pois dias antes, sem a mais leve queixa, sem qualquer indício de doença, o seu espírito brilhante se mostrara, como sempre, ao autor destas linhas, com relação aos problemas do ensino a que se dedicara e que ultimamente lhe absorvia a maior parte do reduzidíssimo tempo de que dispunha, dum optimismo contagiante.

A morte surpreendeu-o trabalhando dedicada e apaixonadamente pela reorganização do ensino farmacêutico em Portugal para o qual chegara a redigir um projecto que ultimamente revia, com o fim de o apresentar à Comissão nomeada por S. Ex.^o o Senhor Ministro da Educação Nacional e da qual fazia parte.

Professor de farmácia dos mais notáveis que o país, até agora, teve ao seu serviço, ensinou com inextinguível brilho algumas cadeiras do curso de Farmácia da Universidade de Lisboa, especialmente química farmacêutica, à qual dedicou sempre, com entusiasmo, a sua lúcida inteligência, deixando, neste ramo da

Química, numerosos trabalhos de investigação de incontestável valia. A sua agradável dicção aliada ao seu muito saber valeram-lhe na cátedra, o respeito e o carinho de todos, deixando em cada um dos numerosos alunos que ensinou, — entre os quais estão



PROF. DOUTOR RAUL LUPI NOGUEIRA

todos os seus colegas da Escola de Farmácia de Lisboa — um amigo e admirador.

Director da Escola de Farmácia da Universidade de Lisboa, desde 1932 até à data do seu falecimento, lutou, afincadamente, pelo engrandecimento da escola que dirigia, resolvendo, com acentuado tacto e inexcedível espírito de justiça, todos os problemas que por fôrça do cargo que exercia era chamado a encarar.

Como homem de ciência, publicou muitos trabalhos de indiscutível valor, que, por dispersos, não houve tempo ainda de reunir. De entre êles citaremos:

Algumas palavras sôbre a indústria química em Portugal.
Jornal da Sociedade Farmacêutica Lusitana.

Um caso da hereditariedade das Hemolisinas nos coelhos.

Comunicação apresentada ao Congresso da Associação para Progresso da Ciência, realizada em Coimbra em 1925.

Sôbre o título hemoglobínico das emulsões de glóbulos de carneiro, utilizados nos sistemas hemolíticos.

Comunicação apresentada ao Congresso da Associação para o Progresso da Ciência, realizada em Coimbra em 1925.

A insulina sôbre o ponto de vista químico-farmacêutico.

Conferência proferida em 1927 no Primeiro Congresso Nacional de Farmácia, (in Livro do Primeiro Congresso).

Contribuição para o estudo de crioscopia dos leites de vaca à venda em Lisboa.

Comunicação apresentada ao XIII Congresso Nacional de Zoologia, em 1935.

Agressivos Químicos: Gases de Guerra.

3 conferências realizadas na Faculdade de Farmácia do Pôrto em 1938.

Contribuição para o estudo dos leites de vaca à venda em Lisboa.

Publicação da Direcção Geral de Saúde, em 1938.

Esbôço de um método prático para diagnóstico de espécies químicas orgânicas.

2 lições proferidas na Faculdade de Farmácia, em 1938.

Nota sôbre os derivados acetilados e bromados das sulfamidas.

Comunicação apresentada ao Congresso Luso-Espanhol realizado no Pôrto, discutida e aprovada na secção de Biologia Médica, 1942.

(In Anais da Faculdade de Farmácia do Pôrto, vol. IV, pág. 111).

Contribuição para o estudo dos azeites portugueses.

Comunicação apresentada ao Congresso Luso-Espanhol realizado no Pôrto, discutida e aprovada na secção de Agricultura, 1942.

(In Anais da Faculdade de Farmácia do Pôrto, vol. IV, pág. 185).

Nota prévia sobre «Um processo novo de beneficiação das águas».
Comunicação apresentada ao Congresso Luso-Espanhol realizado no Pôrto, discutida e aprovada na secção de Higiene, 1942.

Ainda o problema do leite.

Conferência proferida no Pôrto, em 18 de Junho de 1943, a convite da Liga de Profilaxia Social.

(In *Jornal do Médico*, N.º 66 e 67 de 1943).

Contribuição para o estudo da medicação cálcica.

(In *«Imprensa Médica»*, Ano X—N.º 7, Lisboa, 1944).

Derivados bromados e acetilados das sulfamidas.

(In *«Anales de la Real Academia de Farmacia»*, Ano X—N.º 3, Madrid, 1944).

O Professor Raúl Lupi Nogueira, nasceu em Lisboa no dia 10 de Abril de 1884, contando portanto, à data do seu falecimento, 61 anos. Era filho de Domingos Francisco da Silva Nogueira, farmacêutico muito distinto, e de D. Maria Inez Lupi Nogueira, já falecidos.

Terminou o Curso de Farmácia em 1905, com altas classificações.

Foi professor efectivo do 6.º grupo dos Liceus, cargo que conquistou por concurso de provas públicas, e exerceu, com notável competência, nos Liceus de Fialho de Almeida, de Beja, Alves Martins, de Viseu e Passos Manuel, de Lisboa.

Em 22 de Dezembro de 1915, foi contratado professor de Farmácia da Universidade de Lisboa, e, mais tarde, em 25 de Abril de 1918, nomeado professor extraordinário da mesma escola. Em 28 de Outubro de 1918 foi nomeado professor ordinário da Escola de Farmácia de Lisboa, para a vaga aberta pelo falecimento do professor Doutor José da Ponte e Sousa, exercendo estas funções, ininterruptamente, até à data do seu falecimento.

Na Direcção Geral de Saúde desempenhou o cargo de Inspector Chefe do exercício farmacêutico, para o qual foi nomeado por conveniência urgente do serviço público, tomando posse em 1 de Julho de 1927, lugar êste que desempenhou até à data da sua extinção em 23 de Março de 1939, e o de Vogal do Conselho Superior de Higiene, para o que fôra nomeado em 27 de Abril de 1927.

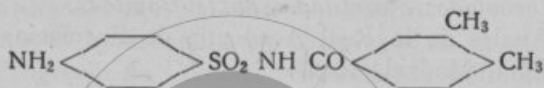
Era vogal da Comissão Técnica dos Métodos Químicos Analíticos, sócio correspondente da Societé de Pharmacie de Paris, Académico correspondente da Real Academia de Farmácia de Madrid e Sócio Honorário do Associação de Farmacêuticos do Brasil.

Das Revistas e dos Jornais

NOVOS REMÉDIOS

Irgafen. J. M. Cañadell: *Pharmac. Actual* 2,446 (1945).

O Irgafen ou G. 867 é a N₁-3,4-dimetilbenzoilsulfanilamida, substância branca, cristalina, de p.f. = 222°, solúvel nos álcalis (pH 8,6 no sol. a 5%), de fórmula

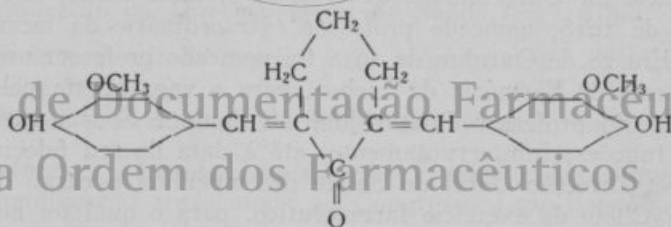


O A. estudou a toxicidade, absorpção e eliminação, quimioterapia experimental e tolerância clínica.

As conclusões principais são: absorpção rápida e concentrações sanguíneas muito elevadas; necessidade de fracas doses e mais espaçadas; fraca acetilação; toxicidade e tolerância suplantando a maioria das outras sulfonamidas.

Flavugal. H. Eucker: *Arch. exp. path. Pharm.* 198,140 (1941) apud *An. Merck*, 119 (1943).

Este medicamento, que é a divanilal-ciclohexanona, de fórmula:



Foi utilizado pelo A., por via oral e endovenosa, como coléctico.

Euvernill. Anon: *Schw. Apoth. Ztg.* 82,295 (1944) apud *J. A. Ph. A.* (Abst.) 34,58 (1945).

Trata-se dum produto dos Lab. Heyden, apresentado em comprimidos e ampolas, e que contém N¹-sulfanilcarbamida — uma sulfonamida pouco tóxica e de rápida eliminação.

Lertigon. Anon: Quart. J. Ph. Pharmacol. 17,296 (1945) apud J. A. Ph. A. (Abst.) 34,221 (1945).

Com êste nome foi especializado na Inglaterra um derivado azoproteico da histamina, resultante da copulação do azóico da p. aminobenzoilhistamina com um proteína.

Apresenta-se em solução estéril a 3% contendo 0,8 a 1 mg. de histamina.

Destina-se ao tratamento, por via intradérmica, da asma, eczemas, urticária, etc.

ANÁLISE QUÍMICA

Nova reacção microquímica, específica, para o cobre. P. G. Spaen: Bull. Sect. Sci. Acad. Rom. 22,162 (1939) apud J. Am. Ph. Assoc. (Abst.) 31,255 (1942).

Numa cápsula de porcelana, tomar I gota de soluto alcoólico de $\text{SO}_4 \text{Na}_2$, II gotas de sol. alcoólico conc. de β naftilamina e I gota de soluto a analisar. Em presença de cobre forma-se imediatamente um pp. vermelho-acastanhado, com a seguinte fórmula:



Ensaio colorimétrico para a determinação do enxôfre. H. Sommer: Ind. Eng. Chem. (Anal. Ed.) 12,368 (1940) apud Ion: 2,773 (1942).

O método baseia-se no seguinte:

Se a uma solução de enxôfre, em piridina se junta uma pequena porção de soluto aquoso saturado de $\text{CO}_2 \text{H} \text{Na}$, obtém-se uma coloração azul, proporcional à quantidade de S. Dêste modo pode caracterizar-se menos de 2% de S por cm³.

BROMATOLOGIA

O galhato de propilo como anti-oxidante das gorduras animais e vegetals. E. Boehm e R. Williams: Q. J. Ph. Pharmac. 16,232 (1943) apud J. A. Ph. A. (Abst.) 33,146 (1945).

Êste composto, que é o trihidroxibenzoato de propilo normal, substância pouco tóxica, parece a substância de escolha a fim de evitar o rançamento e coloração dos óleos e gorduras.

FARMÁCIA GALÉNICA

Sôbre a concentração do soluto injectável de glucose, isotónico. L. S. Carvalho: Bol. Esc. Farm. Coimbra, 3,187 (1943).

O A., depois de referir, as diferentes fórmulas citadas em Farmacopeias e Formulários descreve as principais propriedades físico-químicas da glucose, alguns ensaios de pureza e as determinações criométricas efectuadas.

Dos resultados obtidos o A. conclui que o soluto rigorosamente isotónico seria a 4,9%. O soluto inscrito na F. Port. (5,4%) é pois hipertónico, aconselhando-se, na futura revisão, o soluto a 5%.

Sôbre o abaxamento crioscópico do soro de Ringer-Locke. L. S. Carvalho: Bol. Esc. Farm. Coimbra, 4,166 (1944).

O A. começa por fazer algumas considerações sôbre soros artificiais, fazendo depois um estudo da composição do soluto de Ringer-Locke, referindo ainda as várias fórmulas citadas pelos diferentes autores.

A parte experimental trata da determinação criométrica de oito dessas fórmulas. Os resultados obtidos levam à conclusão de que seria sensivelmente isotónica ($\Delta = 0^{\circ},57$) a seguinte fórmula, citada por Cazzani:

Cloreto de cálcio	9 g.
Cloreto de potássio	0,075 "
Cloreto de cálcio	0,10 "
Bicarbonato de sódio	0,10 "
Glucose	1 "
Água redestilada q. b. p.	1000 cm ³

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Determinação da morfina no ópio sob a forma de éter difenílico. C. Mannich: Arch. Pharm. 280, 383, (1942) apud J. A. Ph. A. (Abst.) 34,163 (1945).

A técnica descrita pelo A. consiste no seguinte:

Triturar 1 g de ópio com 1 cm³ de OH₂, adicionar 3 cm³ de sub-acetato de chumbo a 10%; filtrar através de filtro de vidro. Extrair o resíduo, por quatro vezes, com 5 cm³ de água; diluir o filtrado a 30 cm³, juntar 0,5 g de ácido citrico e depois 0,26 g de clorodinitrofenol (dissolvido em 30 cm³ de acetona) e mais 10 cm³ de soda a 10%. Filtrar o pp. às 24 h., lavar duas

vezes com 2 cm³ de acetona e depois 2 vezes com 2 cm³ de água ;
secar a 70°-80° e pesar.

Morfina = pxo,632.

Caracterização do princípio do glucosídico do viburno. H. K. Iwamoto e colab.: J. Am. Ph. Assoc. 34,205 (1945).

Os AA. verificaram, com trabalho experimental documentado, que êste princípio era quimicamente idêntico à salicina.

MICROBIOLOGIA

Emprego do óleo de ricino como substituto do óleo de cedro, em microscopia. D. J. Reddy: Ind. Med. Gaz. 79, 565 (1944) apud J. A. Ph. A. (Abst.) 34,222 (1945).

Refere-se êste emprego, sem inconveniente, como líquido de imersão.

Aconselha-se também a parafina líquida, com o mesmo fim.

Crescimento do bacilo tuberculoso humano em meio sintético. G. P. Youmans: Proc. Soc. Expt. Biol. Med. 57,122 (1944) apud J. A. Ph. A. (Abst.) 34,138 (1945).

Refere-se um meio com a seguinte composição, ajustado a pH=7:

Asparagina	0,5 0/0
Fosfato monopotássico	0,5 "
Citrato de magnésio	0,25 "
Sulfato de magnésio	0,05 "
Glicerina	2 "

As recentes aquisições no grupo bacteriano dos colibactérios. F. B. González: Rev. Clin. Esp. 12,363 (1944)

Trata-se duma revisão de conjunto, actualizada, em que o A. aborda os seguintes capítulos:

1) — Persistência e variabilidade das características bioquímicas.

2) — As características bioquímicas no diagnóstico das bactérias intestinais.

3) — O complexo antigénico do grupo coli:

- a) aspecto geral
- b) antigénio somático e flagelar do coli
- c) o grupo salmonelas e o coli
- d) antigénio Vi e coli
- e) relações com o proteus e disentérico
- f) fenómeno da para-aglutinação
- g) classificação serológica

QUÍMICA BIOLÓGICA

Determinação do Indoxilo no sangue, em casos patológicos.

G. Argil e M. Hernandez: Quim. Farm. 10,8 (1944) apud J. A. Ph. A. (Abst.) 34,155 (1945).

Os AA. aconselham a seguinte técnica :

Misturar 5 cm³ de sôro com 5 cm³ de água e 10 cm³ de soluto a 20% de ac. tricloracético. Agitar e filtrar após 5 m. Ao filtrado, adicionar 10 gotas de timol a 5% e quantidade igual de cloreto férrico a 0,5% (em ClH). Ao fim de 24 horas, adicionar 5 cm³ de CHCl₃ e agitar.

Comparar num colorímetro a côr violeta do clorofórmio com um padrão (correspondente a 5 mg de indican) e que contém : um soluto aquoso de eosina, soluto de roxo genciana a 1%, alcool e água destilada.

Padrão provisório de heparina. Anon: Bull. Health. Org. Leag. Nat. 10,151 (1942-1943) apud J. A. Ph. A. (Abst.) 34,216 (1945).

O sal sódico da heparina é um pó cinzento-acastanhado, um pouco higroscópico, solúvel na OH₂ e sôro fisiológico.

O sol. a 1% tem pH=5,6.

As soluções neutras, em sôro fisiológico, mantêm-se alguns meses, podendo esterilizar-se por autoclavação ou filtração.

1 unidade = $\frac{1}{130}$ mg do produto referido.

Sôbre a pesquisa de cloralose na urina. P. Cheramy: J. Ph. Ch., 5,233 (1940).

O A. aconselha a seguinte técnica :

20 cm³ de urina + 1 cm³ de SO₂H₂ e cerca de 0,5 g de carvão animal ; aquecer à ebulição, sob refrigerante (5-10 m.). Filtrar, deixar arrefecer e juntar 2-3 cm³ de piridina e igual volume de lexívia de soda ; agitar e levar a b.m. fervente.

A piridina cora-se de vermelho, sendo a reacção sensível a 0,10 g de cloralose por litro.

O clorofórmio, bromofórmio, iodofórmio e hidrato de cloral dão também esta reacção.

QUÍMICA FARMACÊUTICA

Ensaio de acidez da sulfapiridina e sulfatiazol. A. M. Chapman e J. S. Rerce: Ph. J. 155,126 (1945).

Os AA. verificaram que o ensaio de acidez feito com fenolftaleína dá valores superiores, devido à solubilidade das sulfas

na água e à necessidade do emprêgo de mais soda para se transformarem nos respectivos sais sódicos. Aconselham antes a seguinte técnica :

Aquecer 2 g em 100 cm³ de OH₂ a 70° (5 m.) arrefecer e filtrar. A 25 cm³ adicionar 0,1 cm³ de sol. de azul de bromotimol ; titular com OHNa, N/10 até côr azul. Não se deve gastar mais de 0,05 cm³.

Ensaio Iodométrico do nitrato de fenilmercúrio. D. N. Gore e R. M. Day: Ph. J. 155,53 (1945).

Os AA. referem uma modificação do seu método iodométrico inicial, que se mostrou de resultados constantes e satisfatórios, e que consiste no seguinte :

Num frasco sêco, de 500 cm³, tomar 0,2-0,3 g do produto ; adicionar 100 cm³ de álcool a 70° e ferver até dissolução ; retirar do calor ; adicionar 5 cm³ de IK a 10% e, agitar (10 m.) ; adicionar 5 cm³ de CH₃ COOH dil. e enquanto quente, 25 cm³ de I, N/10. Quando o pp. estiver dissolvido, adicionar 300 cm³ de água e titular com S₂O₃Na₂, N/10 em presença de amido. Fazer um ensaio a branco.

1 cm³ de I, N/10 = 0,01586 g de nitrato de fenilmercúrio.

Síntese do hexestrol. E. S. Wallis e S. Bernstein: U. S. pat. 2.357.985 apud J. A. Ph. A. (Abst.) 34,186 (1945).

O processo indicado consiste nas seguintes fases :

Metilação da *p*.hidroxipropiofenona, redução da *p*.metoxipropiofenona ao éter metil-*p*. (1-hidroxipropil) fenílico, transformação deste em metil-*p*. (1-bromopropil) fenil, condensação deste composto de modo a obter o dimetilhexestrol, e finalmente, desmetilação.

Bibliografia

ALGUNS BREVES REPAROS AO LIVRO «PRIMEIRA EMBAIXADA À CHINA»

Cadernos da «Seara Nova», a Primeira embaixada europeia à China, da autoria do Dr. Armando Cortesão, chegou até nós, despertando-nos curiosidade com o sub-título: «*O boticário Tomé Pirês e a sua SUMA ORIENTAL.*»

Com a sofreguidão própria dum admirador daquêle grande vulto da Farmácia, lemos o trabalho duma assentada e se, hoje, alguns reparos nos merece, procuraremos fazê-los com a vontade de esclarecer, sem melindres e sem ridículas ostentações.

Na «nota preliminar», diz-nos o Dr. Cortesão: «*Tomé Pires é uma figura deveras interessante, ainda que até aqui quasi desconhecida, da história portuguesa do Oriente na primeira metade do século XVI.*»...

Não está certa tal afirmativa!... e não o está, porque a Tomé Pires se referiram já, entre outros, trazendo-o para o *grande público*, o historiador da Farmácia Portuguesa Pedro José da Silva, o escritor Rocha Martins, o professor Dr. Alfredo de Carvalho e, nós mesmo, com duas publicações — «Breve Notícia de Tomé Pires», em 1939, e «Tomé Pires na Intimidade», em 1943.

O que estaria certo dizer-se, era que Tomé Pires — «*Lusitano... cujo costume he dizer menos suas glorias do que sam & o mau mais do que he*», não logrou ainda, a exemplo do que se tem feito a outros de somenos importância, encontrar largo onde lhe ergam o busto ou rua onde lhe assinalem a passagem por êste Mundo, onde mediocres conseguem marcar, vergando pelo ouro ou confundindo pela audácia!...

No capítulo — «*Antes da Partida para a India*», alega o Dr. Cortesão que «*Tomé Pires deve ter nascido cêrca de 1468, talvez em Lisboa*»... havendo «*razões para supor que êle casou com a irmã de um tal Diogo Lopes*»; fundamentando as suas conjecturas no facto de na Rua da Madalena ter morado João Fernandes, irmão de Tomé Pires; de na Rua dos Mercadores, existirem nos meados do século xv «*nove boticas de muito rendimento*», uma delas, possivelmente, do pai de T. Pires; e de numa carta que T. Pires escreveu de Malaca a seu irmão, ter chamado «*meu cunhada bom cavaleiro e muito bom homem*», ao cidadão Diogo Lopes.

Ao primeiro passo, contrapomos a opinião de outros historiadores que o deram sempre como natural de Leiria e, ainda, o nome posto a sua filha *Isabel*, que, à semelhança de Frei Heitor Pinto, coevo de Tomé Pires, que assinou algumas vezes Heitor da Covilhã, por ser *esta* a cidade donde era natural, se chamava *Isabel de Leiria*.

Que o pai de T. Pires tivesse farmácia na Rua Nova dos Mercadores, também não nos parece provável, porquanto sendo boticário de D. João II e, deslocando-se a Côrte, naquela época, algumas vezes, entre várias cidades do País, parece-nos que a *botica* deveria estar localizada adentro do próprio *Paço* e fazer

parte dos bens da Casa Real, movíveis ou imóveis, segundo as necessidades do momento.

Da última parte dêste *passo*, ter sido Tomé Pires casado com uma irmã de Diogo Lopes, pelo facto de na carta escrita a seu irmão João Fernandes, em 7 de Novembro de 1512, referir-se aquêlê, chamando-lhe «*meu cunhado*», somos ainda levados a acautelar—o *dito*—com a última parte da citada carta, onde se lê: «*e vay assinada por Diogo Lopes, nosso cunhado*»...

Assim, por analógica interpretação, seríamos levados a deduzir que Diogo Lopes é que era casado com uma irmã de Tomé Pires e do mano João, ou, simultâneamente, êstes, com irmãs de Diogo Lopes.

No capítulo—*Embaixada à China*—salientaremos as seguintes passagens: «*Não deve também esquecer-se que Pires, assim como seu pai, embora de origem humilde, tinha estado intimamente ligado com a corte e, certamente, possuía mais educação que a grande maioria dos fidalgos então na Índia.*

E, mais a baixo, como citação de Barros: *E pôsto que não era homem de tanta qualidade, por ser boticário*»...

De longe vem a pecha, a que já nos habituámos, de sempre que se trate de farmacêuticos, neste nosso Portugal tão cheio de grandezas naturais e tão falho de homens de valor, assistirmos ao deprimir de uma profissão, que deveria enfileirar na primeira linha dos valores nacionais!...

Politicões de acaso, medicastros de momento, intellectuais de pacotilha e dentistas de feira, sempre que desejam encobrir a ignorância de momento, usam dos termos já estafados de: *boticário* e *ponto da botica*, esquecendo que, no momento de dor, se nos dirigem, humildemente, a indagar como deve tomar-se a *mezinha* e a pedir reflexão para a fórmula, não tenha o médico ultrapassado a dose ou esquecido alguma incompatibilidade de momento...

E, assim, se não nos admira a *humildade de Tomé Pires, por ser boticário*, admiramos o desconhecimento, dos que se que-rem jactar de sábios, pois: «*A consideração que nos fins do século xv e princípio do xvi se dava aos farmacêuticos, era geral na Europa, ao que parece. Mattheus Palmiéri, boticário de Florença, que morreu em 1475, foi por diferentes vezes escolhido como embaixador junto do rei Afonso de Nápoles, do pontífice Paulo II e da República de Veneza.*

Entre outras obras, Palmiéri escreveu os *Annaes de Florença, a História da submissão de Pisa aos Florentinos e o poema La Città di Vittá*»...

E, ainda, como os nobres, no tempo de Tomé Pires : «os físicos e os boticários tinham, em Itália, o direito de trajar peles de arminho»!...

Mais um reparo e pronto, pois como se dizer-se entre pessoas de envergadura social e entre escolares sempre de bibes limpos, a história, «é a narração de factos sociais», e, por nossa parte, não desejamos alargar-lhe o âmbito limitado à própria definição!...

Este último reparo, não se refere já ao livro do distinto historiador Dr. Armando Cortesão, nem à parte do seu trabalho, onde se lê: «o simples boticário achou-se de repente guindado a embaixador»...

Refere-se, sim, à Ilustre Câmara Municipal de Leiria, até esta data, sem ter dado, a uma das ruas da sua cidade, o nome do contrerrâneo que soube ser: *naturalista, homem de letras, missionário, embaixador, e, principalmente, boticário*, a profissão onde, com esquecimento das próprias, a cada instante, os profissionais, mitigam as dores alheias!...

Lisboa, Outubro de 1945

COSTA TORRES
Cap. Farmacêutico-Químico

IMPRESSOS

à venda no Sindicato Nacional dos Farmacêuticos:

	Preço de cada
Folhas Auxiliares do Regimento dos Preços dos Medicamentos	7\$50
Folhas de Ordenados (Caixa Sindical de Previdência dos Ajudantes de Farmácia) ..	\$40
Guias p. ^a depósito (Caixa Sindical de Previdência dos Ajudantes de Farmácia) ..	\$30
Mapas do Horário de Trabalho	1\$00
Movimento de Estupefacientes	1\$00
Guias para depósitos (Fundo do Abono de Família)	\$30
Notas da prática farmacêutica	\$50

Remessas à cobrança

União dos Farmacêuticos de Portugal

(Sociedade Cooperativa A. R. L.)

Fornecedora de produtos químicos e especialidades farmacêuticas

Rua da Palma, 224, 1.^o
LISBOA

End. telg. Cooper — Tef. 2 3595
Caixa postal 509

VIDA PROFISSIONAL

I.º ORÇAMENTO SUPLEMENTAR DE RECEITAS E DESPESAS DO SINDICATO NACIONAL DOS FARMACÊUTICOS ANO DE 1945

RESUMO

Receitas diversas.....	18.800\$00
<i>Total das receitas</i>	<u>18.800\$00</u>
Despesas de administração.....	8.300\$00
Despesas de Educação e Assistência	10.500\$00
<i>Total das despesas</i>	<u>18.800\$00</u>

Aprovado em sessão da Direcção de 17 de Outubro de 1945.

A DIRECÇÃO,

Prof. Dr. Manuel Pinheiro Nunes
Dr. Aluisio Marques Leal
Lic. Luis de Sousa Dias
Lic. António A. Moz Teixeira

Artigos	Designação das receitas	Importâncias por artigos
7.º	RECEITAS DIVERSAS	
	<i>b)</i> ENCARGOS DE ADMISSÃO DE SÓCIOS	600\$00
	<i>e)</i> ANULAÇÃO DE DESPESAS DO ORÇAMENTO ORDINÁRIO DE 1945:	
	— da «Contribuição para a Caixa do Abono de Família» — Cap. II Art. 7.º alínea <i>a)</i>	1.000\$00
	— da «Catalogação da Biblioteca» — Cap. II Art. 7.º alínea <i>d)</i>	7.800\$00
	— das «Despesas com os Directores» — Cap. III art. 8.º alínea <i>a)</i>	400\$00
	— do «Assistente Social e Consultor Jurídico» — Cap. III Art. 9.º	9.000\$00
	<i>Total das receitas</i>	18.200\$00
		<u>18.800\$00</u>
		<u>18.800\$00</u>

Capítulos	Artigos	Designação das despesas	Importâncias por capítulos
II		DESPESAS DE ADMINISTRAÇÃO	
	3.º	DESPESAS DE REPARAÇÃO:	
		a) Imóveis.....	1.200\$00
	4.º	EXPEDIENTE:	
		a) Impressos e artigos de expediente	1.100\$00
	7.º	OUTRAS DESPESAS DE ADMINISTRAÇÃO:	
		e) Transportes, avisos e outras despesas de execução estatutária ...	6.000\$00
			8.300\$00
IV		DESPESAS DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA	
	11.º	FUNÇÃO EDUCATIVA E RECREATIVA:	
		b) Despesas de administração e impressão do «Jornal dos Farmacêuticos» e seus índices.....	10.000\$00
	13.º	SUBSÍDIOS:	
		a) Beneficência.....	500\$00
			10.500\$00
		<i>Total das despesas.....</i>	18.800\$00

MÁQUINAS

«BONALS»

Para fazer comprimidos

Representante Geral para
PORTUGAL E COLÓNIAS

António Frazão

RUA DA CONCEIÇÃO, 60-3.º

APARTADO: 220

— LISBOA —

LOURENÇO FERREIRA DIAS, L.^{DA}

Casa fundada em 1889

DROGARIA LOURENÇO

153, Rua das Flores, 157

PORTO

Tele { gramas «Irmãos»
fones P. B. X. 728 e 7128

PRODUTOS QUÍMICOS

ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS E PERFUMARIAS

Depositários dos Produtos

«RAUL LEITE», «ELBÁ», etc.

JORNAL DOS FARMACÊUTICOS

DIRECTOR E EDITOR
PROF. MANUEL PINHEIRO NUNES
Presidente da Direcção

Comp. e imp. na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL
Rua da Alegria, 30 — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Orgão e propriedade do
SINDICATO NACIONAL DOS FARMACÊUTICOS
SOCIEDADE FARMACÊUTICA LUSITANA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua da Sociedade Farmacêutica, 18 - LISBOA

Telefone 4 1433

Série III = 1945 = NOVEMBRO - DEZEMBRO = N.º 47 e 48

ACTUALIDADES

OS MÉTODOS QUÍMICO ANALÍTICOS PORTUGUESES

PROF. DR. D. ANTÓNIO PEREIRA FORJAZ
Da Academia das Ciências

Os métodos analíticos oficiais encontram-se, dum modo geral, profundamente envelhecidos. É de urgente necessidade para toda a economia portuguesa que eles sejam prontamente revistos e actualizados, de acôrdo com a técnica moderna, para confiança da indústria nacional e para que os nossos artigos de exportação não nos envergonhem, nos mercados estrangeiros.

Os limites analíticos que servem de base de apreciação têm de ser fixados em harmonia com as realidades e com maior justiça e justiça, considerando as condições em que o industrial foi obrigado a trabalhar e a natureza das matérias primas que lhe foram ministradas: só então, com perfeito conhecimento dos componentes que tiveram de ser usados e em função dêles se podem fixar com segurança os limites analíticos.

A nossa *Comissão Técnica dos Métodos Analíticos*, a que tenho a honra de pertencer a partir de 1943, tem um carácter *exclusivamente consultivo*. Criada em 1895 (portarias de 31-XII-1895

e 14-XI-1896) para unificação dos métodos de análise de vinhos, azeites e vinagres, foram publicados os seus primeiros trabalhos em 1896 e 1901 com as correções introduzidas em 1901 (portaria de 31 de Agosto) e 1905 (portaria de 8 de Maio). Em 1904 (2-XI) nova Comissão era criada, extinta em 1913, recriada em 1918: os métodos oficiais para análises dos vinhos, vinagres e azeites, aprovados pela portaria de 30 de Setembro de 1918 estão ainda em vigor! Aplique-se o aparelho de Landmann conforme a figura respectiva e tudo virá à cara do analista!

No *Movimento médico* o Prof. Lepierre, referindo-se às bases de 1904, pedia, por esta época, que dessem a essas normas oficiais alicerces mais seguros. O Prof. Ferreira da Silva, respondendo-lhe, lembrava um princípio fundamental que desgraçadamente, nunca se applicou: *a necessidade de se reverem os métodos oficiais em períodos mais ou menos curtos.*

O importante organismo do Ministério da Economia a que me estou referindo, onde tanto se ilustraram Ferreira da Silva, Achilles Machado, Sousa Gomes, Holtreman do Rêgo, Lepierre, Mastbaum, Rebêlo da Silva, Pereira Salgado, Wilfrid Bastos; em cujos *Documentos científicos* foram publicadas memórias como a referente aos Leites e Lacticínios, de Holtremann do Rêgo; donde partiram os *Métodos para análise das gorduras alimentares* de Costa Neto e Vidal — não pode deixar de ter o desejo de que se esclareçam as suas responsabilidades, desde que não lhe cumpre tomar qualquer iniciativa.

Os laboratórios universitários vivem, em geral, uma vida anacrônica, — sem verbas adequadas, sem pessoal, sem instalações, — enquanto magnífica aparelhagem dorme em descanço, em certos institutos, intendências e alfândegas. Que um organismo central tenha ao menos a autoridade de ir buscar aquilo que é do Estado — e está parado, sem qualquer rendimento. A continuarem as coisas assim como se fará juízo sobre novas modalidades industriais mais recentes? Deixa-se, em Portugal, um polícia fazer a determinação da densidade do leite?

Farinhas, vinhos, açúcares, conservas, produtos farmacêuticos e químicos carecem de ser analisados em Portugal segundo técnicas oficiais mais modernas, para que os métodos, ainda seguidos, não tragam sensaborias económicas graves, mesmo em confronto com as técnicas brasileiras e espanholas.

O espírito ágil, arguto, compreensivo do titular da pasta da Economia e a boa vontade dos seus Sub-Secretários não deixarão permanecer uma situação semelhante: todos têm a perder e ninguém a lucrar.

A FARMÁCIA DOS LUSÍADAS

CAPITÃO ANTÓNIO DA COSTA TORRES
Farmacêutico-Químico

O passado dos grandes homens, como a história dos grandes acontecimentos, adquire, por vezes, tal profundidade e subtileza, que difficil se torna controlá-lo!...

Esconde-o o Tempo na imensidade que nos cerca; e, uma vez perdido ou esquecido apenas, o Nada entrechoça-se com a Eternidade e, querer desvendá-lo... seria estultícia.

Por outro lado, a aventura e a lenda, companheiras inseparáveis, que o Tempo agiganta e o Tempo dilue, amplificam o horizonte ou encurtam-lhe a distância; e, o que era simplesmente normal, adentro do campo da lógica, transporta-se célere ao reduto do agnóstico!...

E assim, Camões, poeta e pobre, cuja vida foi misto de miséria e perseguição, anda hoje, séculos volvidos depois da sua passagem pela Terra, a ser historiado e disputado como filho dilecto, perdido, embora, na noite do Tempo.

Procurar-lhe os inimigos, quando se sabe de cor esta afirmação de Vargas Vila: «*El hombre es natural e incontestablemente perverso, y la bellota de la calumnia, más que el fruto de la verdad, gusta a sus apetitos de bestia*», seria tarefa mais do que inglória!

Duma extraordinária cultura, que se aprecia e constata ao ler os *Lusíadas*, êle viveu a época maravilhosa, das grandes aventuras, como contemporâneo de Fernão Mendes Pinto, Diogo do Couto e de tantos outros que o mar conseguira magnetizar!...

No «Ano Histórico» de Lourenço Justiniano da Anunciação, respeitante ao ano MDCCXLIV, encontra-se, referida a Camões, a seguinte passagem:

«Aplicou-se ao estudo das humanidades, em que saiu insigne. Foi versado nas linguas grega, e latina, e teve largas notícias das histórias, das filosofias, e matemáticas».

Quere isto dizer que, dentro do limitado âmbito científico da época em que viveu, Camões, se o desejássemos catalogar hoje, não teríamos dúvida em incluí-lo no número dos sábios do seu

tempo, ainda mesmo que a palavra sábio se empregue, há muito, completamente ôca de sentido!...

Das notas biográficas colhidas a seu respeito, publicaremos as julgadas mais interessantes!...

Não na mesquinha ideia de nos engrandecermos à sombra dum grande vulto, como líquenes no tronco de carvalhos seculares, mas por nos parecerem interessantes alguns passos que vários controversistas deixaram na penumbra.

A «Farmácia dos Lusíadas», ponto que procuramos tratar, não traz para a Arte e Ciência farmacêutica actual, novidades ou ensinamentos, mas mostra-nos que Camões, versado em vários sectores da actividade humana, não esqueceu nos seus estudos aquêles que diziam respeito a tão importante ramo da «Arte de Curar».

Sabido como é de todos, que entre nós, como de resto entre os outros povos, a Farmácia iniciou os seus primeiros passos dentro do campo *herbolário*, é, principalmente, a Flora dos Lusíadas que teremos de recorrer.

Assim, no Canto II, estância IV, o rei de Mombaça, conjuntamente com desejos de boas-vindas, manda afirmar a Vasco da Gama:

«E se buscando vás mercadoria
Que produz o aurífero Levante,
Canela, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutífera e prestante,
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rígido diamante,
Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças o fim a teu desejo».

É interessante a designação de droga salutífera — empregue pelo poeta, que corresponde à definição de Moizés Charás: «*medicamentum definitur, quid quid naturam nostram in melius alterare & immutare valet!*»...

A canela e o cravo que, conjuntamente com a losna, pimenta, gengibre e noz moscada, faziam parte dos «Remédios que aquentam», não tinham sido citados por Tomé Pires, no rol de «Drogarias» remetido a D. Manuel, em 27 de Janeiro de 1516, mas do seu valor farmacológico poderemos avaliar pelo que a respeito destes dois produtos nos diz D. Caetano de Santo António, na sua *Pharmacopêa Lusitana*, editada no ano de 1725.

«CANELLA — He a canella huma casca bem miuda, unida, comprida; & enrolada no seu comprimento, de cor rosada amarella; declinante a vermelha, de cheyro suavissimo, gosto doce

picante, & aromatico muyto agradável; tira-se dos ramos de huma arvore, que cresce da altura de um salgueiro, tẽ as folhas cõprias com semelhança das dos loureyros, as quaes tẽ o mesmo cheyro de Canella, as flores são brancas, & dellas depois de cahidas sahe hum fruto, que no principio he de cor verde, & estando maduro se faz preto, de sorte que tẽ muyta semelhança com as bagas do Louyreiro; esta casca da arvore a que chamão Canella quando está na arvore tẽ a cor parda muyto declinante a verde, & tanto que se separa da arvore os Indios a poem ao Sol onde ella se fermenta, enrola, seca & toma a cor, que lhe vemos, o que fazem com muyto cuidado, vigiando-a em quanto se seca, porque se o Sol he forte, & o tempo em que a poem a elle he muyto, se enegrece, & fica parda, & com menos cheyro; quando se tira da arvore não he tão aromatica, nem suave, como he estando seca; cresce em a Ilha de Ceylão, que fica na parte meridional da India; o páo da arvore da Canella também cheyra alguma cousa, porem pouco; á arvore naquella terra lhe chamam «Corundo» & os arabigos «Quirse», e todos lhe chamão Canella, diminutivo de Canna, porque esta casca quando se seca fica enrolada, & com vão por dentro que parece canna; contem muyto oleo exaltado, & sal volátil, a melhor Canella he a que tẽ a casca delgada, inteyra, de cor subida & o cheyro muyto suave, & picante. Fortifica o cerebro, o coração, o estômago, resiste ao veneno, provoca a conjunção mensal, & facilita o parto.

Acha-se outra especie de Canella, em muytas partes da India, & da America, que he mais grossa, esbranquiçada com menos cheyro, & pouco picante á qual os Arabios onde há muyta chamão «Darcheni», & querem alguns Authores, que esta casta de Canella, seja a ã os nossos Portuguezes, ã vivem naquellas partes orientaes, chamão canella do mato, canella grossa, esta tẽ pouco, ou nenhum uso na medicina. Ha outra especie de Canella, que os Authores antigos, & ainda alguns modernos chamão «Cassia lignea», que não he outra cousa senão a nossa mesma Canella, porem he menos cheyrosa, & com menos cor que a boa, & pondo esta nos medicamentos, ou seja pedida com o nome de «Cinamomo», ou de «Cassia lignea», sempre o medicamento fica bem feyto, & não faltará a operação que se espera, por ser a diferença que ha entre estes dous simples muyto pouca...

É interessante também saber-se que a canela entrava nas seguintes composições farmacêuticas:

Água de canela composta, água de canela de Lemery, água de canela de Vekhero, água de canela de Mathiolo e água theriacal de Lemery, esta última: — «que servia para avivar os espiritos,

desfazer por invisível transpiração os maus humores, sendo útil nas febres malignas, nas apoplexias e em todos os letargos».

«CRAVO DA INDIA — He fruto, ou flor endurecida de huma arvore, q̄ se cria na India Oriental, & nas Ilhas Malucas & nestas chamão á dita arvore «*Chaque*»; que é de grandeza ordinaria, as folhas são ponteagudas, quando o fruto aparece é de cor verde brancacenta, depois se faz roxa, & tanto que está maduro fica com a cor parda, q̄ tira para preto, da mesma sorte que o vemos: Os naturaes da terra o apanhão estando maduro abanando a arvore até todo lhe cahir, & depois o secão de sórte que fique duro para assim se poder enviar ás partes a que ordinariamente o vão buscar os mercadores.

Nasce as arvores que dão o Cravo sem cultura alguma naquellas partes, & dizem os naturaes da terra, q̄ são tão quentes as ditas arvores, que atrahem a si toda a humidade da terra, sem deixar criar planta alguma, nem herva ao redor de si; de sorte que para secar um arvoredó espesso de qualquer outro mato, o mais facil remedio, he plantar huma estaca de Cravo, ou da dita arvore assim chamada, no meyo delle em breve tempo se seca tudo quanto ha naquelle sitio em que se poem a estaca. O melhor Cravo he o mais grosso, bem nutrido, fresco, & não velho, inteyro de cor parda escura, facil de quebrar, muyto cheyroso, de gosto picante, & aromatico, contem muito oleo meyo exaltado, & algum sal volatil.

He cordeal cephalico, estomacal, resiste á malignidade dos humores, desfaz a fleuma do cerebro, excita os escarros, & he bom para dor de dentes mascando-o, ou untando a gengiva, & o dente que padece com uma gotta do seu oleo destilado».

Centro de Documentação Farmacêutica

No «*Camões Médico*», o doutor Afrânio Peixoto inicia o seu erudito trabalho com a seguinte afirmação: «*Se todos o somos um pouco, segundo afirma o ditado, Camões teria mais razão de o ser, pois que tinha muito também de poeta e de louco. A medicina não era então, nem antes, o que foi depois, arte privilegiada de alguns, ensinada esotêricamente em faculdades especiais, e hoje impenetrável a não iniciados*».

Foi, no entanto, exactamente, no século em que viveu Camões, que a medicina começou de ganhar foros de ciência, o que alegamos, citando esta passagem da *História da Medicina* do Dr. Paul Diepgen, professor em Friburgo, referente ao Século XVI: «*Um recurso muito em voga para os charlatães para demonstrar a sua suficiência, era a desacreditada observação da urina; o vaso de esta tinha desaparecido já como emblema da medicina científica*».

De resto, é neste Século que nos aparecem: *Tomás Linacre, Von Andernach, Anutius, Foësius, André Vesalio, Bartolomeu Eustachi, Spigelio, Koter, Banhiu, Servet, Koyter, Frascatori e tantos outros cultores illustres da Arte de Curar.*

No Canto II, estância XII, diz-nos o poeta: .

«Aqui os dous companheiros conduzidos
Onde com êste engano Baco estava,
Põem em terra os gíolhos, e os sentidos
Naquele Deus que o mundo governava.
Os cheiros excelentes, produzidos
Na *Panchaia odorifera*, queimava
O Timeu, e assi por derradeiro
O falso Deus adora o verdadeiro».

Pancaia, ilha fabulosa nas costas da Arábia, notável pelo excelente incenso que produzia e ao qual, como fármaco se refere assim D. Caetano de Santo António:

«O INCENSO—He huma goma, ou rezina aromatica branca, ou amarela que se tira por incisão de huma arvore semelhante ao Lentisco chamada naquelas partes *Arbor Thurifera* a qual se cria abundantemente na Terra Santa, Arabia Feliz, nos bosques da Região de Sabá, ao pé do Monte Libano, & em muytas partes da India; ao Incenso que corre da incisão da arvore, & fica em lagrima, ou grãos redondos de cor branca tirante a loura se chama Incenso macho, ou *Olibanum*; ou *Trius masculum*, para differença do Incêso femea, ou Incêso cômum q̄ he aquelle q̄ cõfusamente cahe da mesma arvore no chão, ou em cima de duas esteyrinhas, & vão em massa, ou pedaços grandes com mistura de casca da arvore, páos, terra, & outras cousas estranhas.

Consta o Incenso de muyto oleo, & algum sal volatil. O melhor Incenso he o macho que vem em lagrimas, ou grãos de cor branca declinante a loura que se quebre, & pize com facilidade, que seja aromatico, & que lançando-o no fogo arda com brevidade, & tambem o que mascando-o faça a saliba branca; o que vem da India não he tão branco, porém he mais aromatico o seu sumo, & o do Levâte he mais agradavel á vista, mas menos cheyroso, o Incenso femea ou comum he o melhor e mais cheyroso, & que tem muyto em lagrimas misturadas nos bocados, ou pastas em que vem, & poucos páos, ou rezina de mistura, como succede varias vezes, que em logar de ser o fumo cheyroso, o não he antes pelo contrario, que ou não he cheyro, ou o que dá he pouco agradavel. Serve o Incenso em primeiro logar para oferecer ao Senhor, que o criou, depois no uso da medicina he o Incenso macho deterrentivo,

hum pouco astringente, sudorifero, proprio para os achaques do peyto, parlesias, fortifica o cerebro, & para os cursos tomado interiormente; no uso exterior se aplica para alimpar & consolidar as chagas & para fortificar as partes relaxadas, & dibilitadas, & sempre o Incenso macho he o melhor, & mais cheyroso como diz Virgilio na Ecloga 8—Ver. 65—*Verbenasque adole pingues, & mascula thura.*

O Incenso comum tambem sendo bom como acima se diz, serve para perfumes, & para emplastros, & unguento, he deter-sivo, dessecativo, & consolidante.

No fundo das sacas, ou barris em que vem o Incenso se acha tambem aquele a que os latinos chamão *Manna Thuris*, ou Maná de Incenso que se moe por si mesmo, faz em pó no sacco, ou barril, pelo discurso do tempo, que gasta em se trazer das partes donde nasce á Europa; & que este pó do fundo das sacas, ou barris seja o Manná Incenso, o affirmão todos os modernos».

Tomé Pires, que muito antes de Garcia da Orta, estudou alguns simples e drogas do Oriente, refere-se ao «*Emcenço*» nestes têrmos: «Nace na Arabia felix no reyno de Tufar junto com os reynos dos Fartaquis e Maderacatum. Nace em Orixá, que he entre Narsinga e Bengalla. *Vende-se em Cambaya e em Chaull muito barato*».

Na «*Flora dos Lusíadas*» o Conde de Ficalho diz-nos: «o incenso é produzido por diversas espécies de género *Boswellia*, da família das *Burseráceas* em parte ainda mal descritas, e que habitam na Arábia e na fronteira margem africana, próximo ao cabo Guardafui.

Foi êste perfume muito celebrado pelos antigos, e do seu valor temos uma prova no famoso e bem conhecido presente dos reis Magos. Era um dos principais objectos do tráfico que os fenícios faziam com a Arábia e o seu nome de *λίβανος*, e *Olibanum* vem do árabe *Luban* e do hebraico *lebannah*, que significa leite, e se refere ao aspecto da resina, enquanto fresca. O nome *thus* pode vir talvez do verbo *θύειν*, sacrificar.

Quási todos os autores gregos, como Herodoto, Plutarco, Arriano, Strabão, o mencionam, sendo notavelmente completa a notícia que dá Teofrasto. Uma passagem em que Diodoro da Sicília, falando da terra dos Sabêos e da abundância de incenso que ali havia, diz que os navegadores se dirigiam pelo cheiro que da terra saía, lembra o verso em que Camões fala de,

As costas odoríferas sabéas,

(IV, 63)

E quando o nosso poeta menciona a Arábia pelo nome de *Panchaia*:

Os cheiros excelentes, produzidos
Na Panchaia odorífera, queimava

(II, 12)

tem uma reminiscência clássica, pois que êste nome de *Panchaia* foi muito usado pelos latinos, para designar aquela região:

«Totaque Thuriferis Panchaia pinguis arenis».

(Virg. Georg; II)

Enquanto a *Dofar*, é nome que se conserva numa planície, *Dhafar*, hoje deserta. Foi antigamente cidade notável, e tem-se querido identificar com o *Sephar* do Génesis, ou com o *Sapphara* de Ptolomeu. É certo que teve sempre reputação o incenso que por aquêlo pôrto se exportava, e já *Marcó Polo* no XIII Século menciona o bom incenso branco ali produzido.

Tomé Pires cita o *encenço de Tufar*, que é evidentemente a mesma localidade, e *Barros* o de *Dofar*, a que chama cidade; é porém provável que já estivesse muito decaída da sua importância comercial, porque *Duarte Barbosa*, sempre muito exacto, lhe chama simplesmente — um lugar de mouros; no que respeito à procedência do incenso, é corrente.»

Para que se não torne excessivamente árido o assunto que vimos tratando, vamos entremeá-lo com algumas notas biográficas acêrca do «poeta», começando por socorrer-nos da «Biblioteca Lusitana» de *Diogo Barbosa Machado*:

«*Luiz de Camões*, nasceu em Lisboa no ano de 1524, era filho de *Simão Vaz de Camões* capitão de uma nau da Índia que naufragou na Costa de Goa; e de *Ana de Sá e Macedo*.

Em Ceuta, conjuntamente com o pai, bateu-se valorosamente contra os mouros «de cuja artilheria saindo uma faisca, o privou do olho direito». Em 1553, contando 28 anos, embarcou na nau de que era comandante *Fernão Álvares Cabral*, partindo para o Oriente com uma poderosa armada para socorrer os reis de Cochim e Porcá..... contra o rei da pimenta.

Em 1555 embarcou noutra expedição, de que era comandante o capitão *Manuel de Vasconcelos*, voltando de novo a Goa onde «escreveu uma invectiva contra os costumes licenciosos das principais pessoas daquela cidade, do que resultou ser desterrado para

a China no ano de 1556, por ordem do governador do Estado Francisco Barreto»...

«Oprimido da própria miséria, e altamente penetrado do infeliz successo de El-rei D. Sebastião nos campos de Alcácer a quem meditava a sua musa consagrar um poema, adoeceu gravemente, e sendo levado ao hospital onde se curam os pobres jazia como um dêles desamparado, e aflito, de cujo miserável estado se lamentava em uma carta, último desafôgo da sua adversa fortuna: «Quem ouvio dizer nunca, que em tão pequeno teatro como dum leitô quizesse a fortuna representar tão grandes dezaventuras? E eu como se elas não bastassem me tenho ainda da sua parte porque procurar resistir a tantos males pareceria espécie de desavergonhamento».

Faleceu em 1579, com 55 anos.

Era de estatura mediana e grossa; rosto carregado na testa; o nariz comprido, no meio levantado e na extremidade grosso; a falta do ôlho direito lhe diminuía com excesso a gentileza; o cabelo de louro degenrava em assafreado. Foi na conversação jovial e discreto, porém, tanto que chegado à idade maior, emendou as verduras em que brotava a primavera dos anos com tão madura gravidade de que *passou a profunda melancolia*.....

Diogo do Couto, que, segundo se lê, trouxe Camões de Moçambique, no ano de 1569, refere-se-lhe, assim: «Em Moçambique achamos aquele Principe dos Poetas do seu tempo, meu matalote e amigo Luiz de Camões, tão pobre que comia de amigos, e para se embarcar para o reino lhe ajuntamos os amigos, tôda a roupa que houve mister, e não faltou quem lhe desse de comer. Aquele inverno que estive em Moçambique acabou de aperfeiçoar os Lusíadas para os imprimir, e foi escrevendo muito em um livro de muita erudição, doutrina e filosofia, o qual lhe furtaram e nunca pude saber no reino dele, por muito que o inquiri.

Foi furto notável. Em Portugal morreu êste excelente Poeta em pura pobreza».

Ampliando o nosso âmbito de consulta, passamos a ouvir Joseph Gabriel de La Landelle, literato francês, nascido em Montpellier em 1812, recortando, da «Velhice de Camões», algumas passagens que nos parecem dignas de transcrição.

E fazemo-lo, sem ao de leve nos deixarmos influenciar pela insulsa pedantice da época em que vivemos, onde, firmarmo-nos na opinião de estrangeiros, é demonstrativo de intellecção superior e, passo em frente, a caminho das muitas e variegadas Academias, num desnacionalismo deprimente, de confessados autómatos!...

Parece que em 1559 Camões gozou de certa abastança, dedicando-se, nessa altura, a compôr os *Lusíadas*, passando a maior parte dos dias na gruta de Patane.

Levado, no entanto, pelo seu génio aventureiro, aceitou o convite do Vice-rei D. Constantino, para se passar a Gôa, transportando tôdas as suas economias que, parece, lhe bastariam desafogadamente à velhice.

Uma vez embarcado e feita a viagem sem novidade através do mar do arquipélago da China, as brisas, que sopravam favoravelmente, tornaram-se a pouco e pouco em enfadonha calmaria e, no descuido da rota, na costa de Camboge, ao embater de encontro a um recife, o navio onde o poeta viajava, afundou-se célere.

Camões, então, lançando-se ao mar, gritou para o Javanez: «António segue-me! e, se eu morrer, salva os *Lusíadas!*»

Da luta, travada por Camões e por António contra a traição do mar, que, num instante, deixava o poeta sem recursos salvou-se a obra máxima da literatura nacional; e, nas margens do rio Mecom, na Conchinchina, de joelhos, Camões, ao dar graças a Deus, exclamou: «A glória da minha pátria nunca há-de perecer!»...

Os dois maiores inimigos de Camões foram D. Francisco Barreto e seu primo Pedro Barreto, dois delapidadores do tesouro nacional, que Camões acusou publicamente.

Foi devido ao ódio dos Barretos, que Diogo Bernardes conseguiu o lugar de poeta de El-rei D. Sebastião, na expedição de Alcácer-Kibir, lugar êste que, por todos os motivos, a Camões devia pertencer!...

Aos Barretos ainda, deveu Camões, o ter sido prêso, acusado de concussão como provedor dos defuntos e ausentes em Macau, mas semelhante acusação não encontrou mais do que o eco dos despeitados e dos vendidos.

Parece que a primeira edição dos *Lusíadas* é de 1572, enriquecendo os editores, mas deixando o poeta na mais negra penúria, vivendo só da pensão anual de 15\$00 que, paga a deshoras, levava Camões a dizer, nos momentos de bom humor «*que havia de pedir a El-rei que lhe mudasse os quinze mil réis, para quinze mil açoutes nos seus ministros*».

O Marquês do Lavradio, presidente do conselho da Inquisição, mantinha tão grande aversão pelo poeta, por êle o haver satirizado em seus versos, que chegou a ir junto do seu leito de morte para o invectivar, recebendo a seguinte resposta: «*A pátria morre... Camões morre com ela... O castelhano vence... O inimigo*

avança... O trono desaba... O Tejo indignado brama à vista das bandeiras espanholas...

Ó meu nobre Portugal cujas glórias cantei! o teu poeta morre com a cruel consolação de te não sobreviver!...

*E com mais força: Camões é invulnerável!...
Para elle a vida cessou, e começa a immortalidade!...*

«Camões tem a glória de ser o primeiro dos grandes poetas modernos. Neste sentido figura na frente dos grandes génios literários da Renascença.

Inspirou-se da *Odisséa*, da *Pharsália* e sobretudo da *Eneida*»...

Algumas odes, elegias e sonetos, escreveu-os Camões em espanhol e em galego.

Camões não morreu no hospital, como muitos escritores têm dito.

Foi levado para sua casa por Leoniz e Miguel, condessa Cunha, conde Vimioso e D. Francisco de Almeida. Por tal forma os sofrimentos do poeta comoveram o povo, que aventureiros, soldados, marinheiros, mulheres da mais baixa condição e até mesmo ciganos, vinham com inquietação informar-se do estado do poeta nacional».

Parece que Camões chegou a Portugal, vindo da Índia, em 1569, não podendo, no entanto, desembarcar senão em Maio do ano seguinte, em virtude da epidemia da peste que grassava e pela qual morreram — só em Lisboa — mais de 50.000 pessoas.

O marquês do Lavradio, julga-se ter feito todos os possíveis para que os *Lusíadas* não fossem publicados, não o tendo conseguido em absoluto, mas, sim, levado a Inquisição a cortar e corrigir algumas passagens, mutilando, em parte, o pensamento do poeta. A publicação desta obra deve-se, pois, à tenacidade de El-rei D. Sebastião.

O rancor dos Barretos por Camões, motivou-se na publicação da sátira «*Disparates da Índia*» e na dum panfleto, em prosa e em verso, «*Gracejos sobre alguns homens que não são inimigos do vinho*»; e, ainda, nos amores mal correspondidos, por uma tal Isabel, que Camões cantou com o anagrama de «*Bélisa*».

Camões foi enterrado na Igreja de Santa-Ana, tendo-lhe sido pôsto na campa o seguinte epitáfio:

«Aqui jaz Luiz de Camões — príncipe dos poetas do seu

tempo — Viveu pobre e miserável e morreu da mesma forma — no ano de MDLXXIX».

«Em vida do poeta, ou pelo menos pouco depois da sua morte, foi a sua epopeia traduzida em *espanhol*, em *italiano* e em *francês*,» como o atestou M. Charles Magnin, autor duma história da sua vida, que declara ter encontrado tal afirmativa em sete versos latinos, mandados fazer por Ruy Gonçalves, marquês da Câmara, ao jesuíta Matheos Cardoso, com destino à campa do poeta.

No entanto, tal epitáfio não chegou a ter aplicação, mas, simplesmente, o acima referido, que lhe foi gravado na sepultura por mando de D. Gonçalo Coutinho.

O Destino, sempre superior à vontade dos homens, quis que o terramoto de 1755 não só fizesse desaparecer os restos mortais do grande poeta, mas, até, nos escombros de tão terrível hecatombe, lhe escondesse a campa.

Fr. Bartolomeu Ferreira, que foi censor dos *Lusíadas*, diz-nos de tal obra:

«Vi por mando da santa e geral Inquisição estes dez cantos dos *Lusíadas* de Luiz de Camões, dos valorosos feitos em armas que os Portuguezes fizeram em Ásia e Europa, e não achei nêles coisa alguma escandalosa, nem contrária á fé e bons costumes, sómente me pareceu que era necessário advertir os leitores que o Autor para encarecer a dificuldade da navegação e entrada dos Portuguezes na India, usa duma ficção dos deuses dos gentios.

E ainda que Santo Agostinho nas suas Retratações se retrate de ter chamado, nos livros que compôs de Ordine, ás Musas, todavia, como isto é poesia e fingimento, e o Autor como poeta não pretenda mais do que ornar o estilo poético, não tivemos por conveniente ir esta fabula dos deuses na obra, conhecendo-a por tal, e ficando sempre salva a verdade de nossa santa fé, que todos os deuses dos gentios são demónios. E por isso me pareceu o livro digno de se imprimir, e o Autor mostra nêle muito ingenho e muita erudição nas ciências Humanas. Em fé do qual assinei aqui. Frey Bartholomeu Ferreira».

Contudo, o Dr. Alfredo Pimenta, na sua *História de Portugal*, mostra-nos que a mutilação dos *Lusíadas*, conseguida por influência do Marquês do Lavradio, e contra a qual se insurge Landelle, foi sumamente benigna, pela parte do respectivo censor; e catedraticamente, prelecciona:

«A censura inquisitorial, ou a análise prévia dos livros publicados, feita pela Inquisição, data entre nós de 1539.

Todos estão de acôrdo na benevolência com que Bartolomeu

Ferreira censurou os *Lusiadas*, tão grande, que chegou a poupar estâncias que ainda hoje não podem andar, por luxuriosas, na mão de tôda a gente!»...

De facto, teremos de concordar que a est. 36-cant. II, onde:

«Os crespos fios douro se esparziam
Pelo colo, que a neve escurecia;
Andando, as lácteas tétas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava e não se via;
Da alva petrina flamas lhe saíam,
Onde o menino as almas lhe acendia;
Pelas lisas colunas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam».

tem *pimenta* a mais!... tornando, pela exuberante luxúria que dimana, em verdadeiros *pimentões*, os rostos seráficos que a lobriguem, embora afeitos aos *tafetás das praias*, aos *decotes das indumentárias dos bailés e ao semi-nu da época que passa, tomado à conta de elegância feminina!*...

Filiando-se na *suposição* de Guilherme Storck de haver o Poeta estudado medicina, o Dr. Afrânio Peixoto, atesta os conhecimentos médicos de Camões, numa «cultura humanística» e na amizade que o ligou a dois célebres médicos: Luiz de Lemos e Garcia de Orta; e afirma-nos:

A doença, e a docentes, os apelos são constantes:

«Da doença em que agora ardeis
Eu fôra vossa mezinha
Só com vós serdes a minha».

(Red. XVII, a uma dama doente)

É altura de, na mesma ordem de idéias, reivindicarmos para a *botica*, os conhecimentos farmacológicos do Poeta, porquanto, o vocábulo *mezinha* faz parte integrante da lexicografia farmacêutica, embora o Dr. Cândido de Figueiredo, no seu Dicionário de 1924, o tenha citado, com a designação de *medicamento*, como simples termo popular; e o farmacêutico-químico José Augusto Fernandes, no *Dicionário de Termos Farmacêuticos*, de 1942, o tenha esquecido até!...

No entanto, no *Vocabularium Bilingue*, 1711 do Dr. P. Bento Pereira, encontra-se

Medicamentum, i. n. g. — *A mezinha o veneno.*

De resto, a redondilha em questão não passa dum sofisticado e interessante devaneio poético, sem pêso de argumentação adentro de qualquer ramo científico.



J. R. GEIGY-MERIAN

(1830-1917)

FOI UM DOS MAIORES PROMOTORES DA INDÚSTRIA QUÍMICA SUÍÇA

Por iniciativa sua, a casa J. R. GEIGY S. A., fundada em 1764, além da elaboração de taninos e extractos còrantes, passou também a dedicar-se à fabricação de còrantes sintéticos derivados da hulha, os quais logo adquiriram tão importante base científica.

O mérito da descoberta do poder insecticida do DDT pertence, igualmente, à casa GEIGY cujos produtos originais *NEOCID* e *GESAROL* são empregados hoje em todo o mundo com grande êxito.

da Ordem dos Farmacêuticos

Ultimamente a casa J. R. GEIGY S. A. criou, no seu novo Instituto de Investigações Científicas, montado nas mais modernas bases, importantes especialidades farmacêuticas, de entre as quais apresenta hoje aos médicos portugueses o *IRGAFENE* e o *IRGAMIDE*, dois novos tipos de sulfamida, de propriedades distintas das de todos os quimioterápicos existentes no mercado até à data.

J. R. GEIGY S. A. — BASILEIA (SUÍÇA)



"IRGAFENE,"

Quimioterápico por via oral e rectal

A PRIMEIRA SULFAMIDA DE GRANDE ACTIVIDADE
EM PEQUENAS DOSES

"IRGAMIDE,"

Quimioterápico para uso parenteral e local

J. R. GEIGY, S. A.

Centro de Documentação Farmacêutica
BASTEIA (SUIÇA)
da Ordem dos Farmacêuticos



REPRESENTANTE PARA PORTUGAL E COLÓNIAS

CARLOS CARDOSO

Rua Bonjardim, 551 — PÓRTO

Na est. 37 - cant. II, lê-se agora:

«C'um delgado cendal as partes cobre
De que vergonha é natural reparo;
Porém nem tudo esconde nem descobre
O véu, dos roxos lírios pouco avaro;
Mas, para que o desejo acenda e dobre,
Lhe põe diante aquêlê objecto raro.
Já se sentem no Céu, por tôda a parte,
Ciúmes em Vulcano, amor em Marte».

Na cit. «*Flora dos Lusíadas*» o Conde de Ficalho, descreve-nos o *Lírio roxo* como uma das «espécies de Iris, conhecidas dos antigos, ou a Iris subbiflora Brotero, a-mais bela das espécies portuguezas de perianto roxo». Lírios roxos ou *roxos lírios*, como lhe chamou o poeta, têm merecido, desde longa data, a diversos comentadores dos *Lusíadas*, interpretações várias, e, por vezes, bizarras.

Novamente vamos recorrer a D. Caetano de Santo António, ouvindo a sua importante opinião, baseada no saber de Mesue, cujos conhecimentos farmacológicos, tanto valor tiveram durante a *Idade Média*:

«O lírio roxo que communmente se usa, & de todos bem conhecido pela formosura da sua flor, chamada Iris pela variedade de cores que tem semelhantes ao Arco da velha; tem esta planta as folhas compridas de dous dedos, ou pouco menos de largo, as quaes acabão em agudo como ponta de espada, sahe da raiz hum tallo que tem alguns nós, & em cada nó lança sua folha; as de cima são mais pequenas que as de baixo; deste tallo sahem alguns ramos, nas pontas dos quaes dá a flor de cor roxa com variedade de outras, & pela parte de baixo alguns fios brancos a modo de veas, ordinariamente se divide a flor em cinco ou seis folhas, que depois de cahidas se mostram humas sementes. A raiz he comprida, grossa, carnuda, coberta só de pelle, & cheia de nós, por fóra pardacenta, & por dentro branca. Mesue diz, que do Iris, ou Lírio ha duas especies, hum roxo outro branco, o que tem a flor branca he mais debil na sua operação, & das duas especies he melhor o que tem a raiz branca declinante a vermelha, grossa, & dura, algum tanto aromatica assim como as Violas propriamente, & que tem o saybo mordicante, & que tem muytos nós juntos, a melhor parte da planta he a raiz depois da flor, & se deve colher no principio do verão. As melhores raizes são as mais grossas, bem pezadas, & compactas, & que tenham muytos nós, consta de muyto sal, & oleo.

São as flores do Lírio encisivas, aperitivas, & *cephacas*, a

raiz fresca purga por bayxo, & por cima as serosidades, he util nas hydropezias, tomando-se huma oytava até duas do seu çumo fresco; o pó da raiz seca he muito bom esturnatorio. Falla Mesue na eleyção da raiz do Lirio em huma casta della que he muyto cheyrosa; este Lirio he aquele que por vir de Florença, & haver muytos nos campos daquella Cidade se chama *Florentino*: He esta raiz branca, comprida, da grossura do dedo polegar, & em abundancia a tem os Florentinos sem cultura nenhuma; o tallo se parece com o Lirio roxo, porém tem as folhas mais estreytas, & as flores brancas. A melhor raiz do Lirio Florentino he a branca, pezada compacta com cheyro de Violas, o saybo picante, algum tanto amargo; a este Lirio chamão alguns *Iris alba Florentina*: He esta raiz incisiva, alternadamente, emoliente, & deterrentiva; facilita a respiração, resiste ao veneno, provoca a ourina, mascada faz bom cheyro na boca; porém deve ser nõva, & que de nenhuma sôrte seja picada, que esta nõ presta: Estas são as duas especies de Lirio, ou *Iris* de que trata Mesue. Quando para alguma medicina se pede Lirio branco se entende a Açucena de todos bem conhecida, assim affirma Jeronymo Brunisvicente no seu livro de plantas por formaes palavras: *Quòd ubicumque in Latina lingua Liliùm absolutè ponitur, intelligendum sit per illud Liliùm candidũ, quod omnibus notissimum est. Et quod caeruleum Liliùm Iris Latino nomine dicatur.*

Na terceyra casta de Lirio nõ fala Mesue, este he aquelle a que Theodorico Dorstenio chama Lirio Convalle, o qual lança da raiz hum só tallo & da mesma raiz donde sahe o tallo vem tambem tres, ou quatro folhas compridas largas & ponteagudas; & no alto do tallo lança cinco, ou seis flores, que totalmente se nõ abrem, & se crião viradas para a parte inferior, são brancas, & de hum suavissimo cheyro a raiz he comprida & grossa da qual lança outras mais delgadas, porém nõ tem cheyro algum. As flores deste Lirio corroborão o coração, o cerebro, o baco, & são utilissimas em todos os achaques capitaes, & hum Contraveneno; da-se em pó, ou em infusão a quantidade que quizerem, muytas mais especies de Lirio de varias cores ha em que nõ fallamos por nõ terem serventia no uso da medicina».

Mas deixemos a cõr dos Lírios e entremos, pròpriamente, na análise da estância em *demanda*, que, fora do nosso estudo e tratada por nomes valorizados no campo das letras, nos despertou, contudo, o desejo de vir à liça a-pesar-de têmos nõção exacta da nossa desvalia.

«Porém nem tudo esconde nem descobre
O véu, dos roxos lírios pouco avaro».

Depois de se explanar em considerandos vários, o Dr. Afrânio Peixoto, procura desnudar êste obscuro passo dos *Lusíadas* e, explica-nos:

«O que êsses (roxos lírios), aí localizados, significam para mim pode a imagem, ou a sua compreensão, ser ousada — são as mucosas vermelhas dessas partes, entreabertas às vezes na maturidade do desenvolvimento, ou na indiscrição amorosa, que o Poeta quis (realisticamente) descrever».

Para nós, tal sugestão não se valoriza!... por a não julgarmos, como imagem, digna dum poeta com a sensibilidade artística de Camões; e, ainda, por na posição erecta, única aceitável neste caso para *Vénus*, tal (*indiscrição amorosa*), não poder ter visibilidade, nem sequer para «pintores, estatuários, médicos e anatómicos», que o Dr. Afrânio Peixoto, considera no segredo do nu feminino!...

Se tal se desse, Camões, teria criado um simples aleijão, esteticamente irreconciliável com a espiritualidade anatómica de uma *Vénus*!...

Muito mais aceitável, pois, seria o alvitre de *Faria de Sousa*, que chamou — *pêlos* — aos lírios e, — *dourado* — ao roxo!... o que, plenamente, deve satisfazer o pensamento do poeta, assim sintetizado:

«Porém nem tudo esconde nem descobre».

Camões, foi grande de mais, para que as gerações que lhe sucederam, pudessem conhecer, totalmente, a beleza do seu pensamento.

Adentro da nossa literatura, poucos são os que o estudam e raros os que o compreendem!...

Como Cristo, ele falou por metáforas e, como Cristo, sofreu da inveja e da malquerença dos homens...

Não curou paráliticos, não deu vista aos cegos, não ressuscitou mortos; mas soube zurzir muitos delapidadores do «tesouro público» e confundir muitos medíocres, que se julgavam letrados!...

A sua monumental obra anda hoje na mão da mocidade académica de Portugal, exactamente como os rosários andam nas mãos dos velhinhos... porque aquela é a incitação para a luta, que é sempre vida... e estes, o amparo derradeiro a que se procuram apoiar... os que preconcebem o limiar da morte!...

A sombra duma e doutros, enriquecem os «vendilhões do templo» iletrados por vezes e gananciosos sempre!... mas salva-se o Passado, como a única justificação do Presente.

No incógnito da sua Obra, reside a principal virtude do respeito que lhe tributam, como... no *Mistério da Vida*, reside a manutenção da Crença!...

Se chegassem a compreendê-lo completamente, acabariam por esquecê-lo, porque *compreender* traduz saber: e, quem sabe, não admite competidores!...

Não fôra assim e, hoje, a dois mil anos quási da passagem de Cristo pela Terra, os homens não se acometeriam como verdadeiras feras, derruindo *Monumentos de Arte* e matando—*aquelas criancinhas* a que o doce Rabi da Galileia *prometeu o Reino dos Céus!*...

Continuando na defesa da sua tese, «Camões Médico», o Dr. Afrânio Peixoto diz-nos ainda:

«Mas, não só em doenças de amor era versado o Poeta: numa redondilha, a II, «Carta a uma dama», há prova explícita:

«Quem da doença real
De longe enfermo se sente,
Por segrêdo natural
Fica são, vendo sòmente
Um volátil animal».

Não é enigma difícil de decifrar. A «doença real» é a icterícia...

O resto, o tratamento, o tratamento que nos indica o Poeta, está em Plínio...»

«*Avis icterus* (1) *vocatur a colore, quae si spectetur sanari malum tradunt, et avem mori...*»

Não nos respeita a *nosologia do passo*, afecta, unicamente, à medicina pròpriamente dita, mas interessa-nos, sobremaneira, a opinião dum ilustre cultor da «classe Farmacêutica», a que nos arrimamos na feitura dèste estudo é que queremos tornar conhecido do grande Público o *cônego D. Custódio de Santo António*.

Da sua farmacopeia, a primeira escrita em língua portuguesa e, possivelmente, uma das melhores do mundo, continuamos a compilar os necessários conhecimentos que reforcem a nossa opinião, com a certeza de seguirmos o bom caminho! E assim, vamos transcrever, como simples curiosidade:

«*Ictericus ab ictero*—*Amarelidão, são os remédios aperitivos, próprios para a cura da icterícia, ou amarelidão, que se faz, quando se derrama o fel pelas partes do corpo: êste nome vem*

(1) Verdilhão (nota do autor).

do grego *Ictis*, em latim *Viverra*, que significa o furão, porque este animal tem os olhos cõr de ouro e nisto se parecem com êle, os que tem icterícia, porque tem os olhos amarelos, imitantes à cõr do humor bilioso, que se espalha pelos olhos, e mais partes do corpo; também dizem *Icterus*, que é uma ave de cõr amarela, da qual escreve Plínio, que os que têm icterícia, e olham para esta ave, saram, mas que no mesmo instante morre a ave».

Termina — «*Camões Médico ou Medicina dos «Lusíadas» e do «Parnaso»* — com o capítulo — *Medicinas* — no qual o Dr. Afrânio Peixoto, destaca como tais: o *Sândalo* salutarífero e cheiroso (cant. X, est. 135); o *Socotorá* com o amaro aloé famosa (cant. X, est. 137); a *cânfora* (cant. X, est. 134); o *benjoim*, do cheiroso licor que o tronco chora (cant. X, est. 135); o *loto* ou *lotus* da terra dos *Lotófagos* (cant. V, est. 88); o *bétele*, a verde fõlha da erva ardente (cant. VII, est. 50); as *Iriagas* (cant. IX, est. 33) e o fruto da *Lodoicea seychellarum*, a que o poeta se refere, na est. 136 do cant. X:

«Olha, em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passã ou a vista engana;
Os naturais o têm por cousa santa
Pela pedra onde está a pégada humana
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta
No profundo das águas, soberana,
Cujó pomo contra o veneno urgente
É tido por antidoto excelente».

Não poremos em causa o tẽrmo — *Medicinas*, — apesar de não o acharmos devidamente correcto como sinónimo de *remédios* ou *mezinhas*, pelo que em julgado passará mais esta liberdade poética, hoje só aceitável como vocábulo popular...

Dado o que, sem mais preâmbulos, vamos passar à descrição dos *simplices* citados.

«O *Sandalo* he hum páo duro, pesado, cheyroso que vem da India em troços limpos de casca, & ha tres especies de Sandalo, a saber citrinos, brancos, & vermelhos, as arvores de que se tirão os Sandalos são tão semelhantes q̃ se não podem conhecer se não quando lhe tirão a casca, & se faz crêr que as arvores todas são o mesmo, & que a differença da terra, & clima lhe dão as cores; estas arvores são tão altas como as nossas Nogueyras, as folhas são semelhantes ás do Lentisco, as flores são azues declinantes a preto, depois destas cahidas apparece hum fruto como cerejas de cor verde, & tanto que está maduro se faz negro, & de gosto fetido: Das tres especies de Sandalo o melhor he o Citrino, que vem do

Siam, & se deve escolher por melhor, o mais novo, duro, compacto, pezado, de cor citrina, ou amarela, o cheyro doce, & muyto agradável; depois desta primeira especie de Sandalo o brãco differe do citrino, não só na cor, mas em que he mais espirituoso, & cheyroso, este vem de Timor, & se tem por melhor o que he novo, pezado, branco, & do melhor cheyro que puder ser: A terceyra especie de Sandalo, que he o vermelho, he o menos cheyroso de todos, este vem de *Tanaçarim*, & lugares marítimos da costa de Choromandel dôde desagoa o Rio Ganges; o melhor he o novo, pezado, com a cor bem vermelha escura, & por fora com algumas manchas pretas. O Sandalo vermelho se equivoca muyto com o Páo do Brazil; porem he facil de conhecer a differença, porque o Páo do Brazil he doce, & tinge muyto, & o Sandalo nem he doce, nem tinge: Os Sandalos, assim citrinos, como os brancos, fortificação o cerebro, o estomago, & o coração, purificação o sangue, & fazem parar os vomitos; os brancos se cozem em agua de q̄ usão os tizicos, & todos os que tem achaques no peyto; & os vermelhos são adstringentes, & refrescantes; usão-se em epithemas, & outros compostos».

«O *Azevre* he gomo de hũa planta, da qual toma o nome, cresce com diferentes alturas, conforme o território, ou clima em que nasce; nos paizes quentes, as suas folhas sahem das raizes, são compridas, largas, muyto juntas, grossas, & com muytos bicos nas pontas; toda a planta tem hum gosto notavelmente amargo, & conforme ensina Mesue no livro dos simples, diz, que o Azevre se faz na India, na Ilha Socotorá, & na Persia, Armenia, & Arabia; & que melhor he o que vem da India, & depois deste, o que vem da Persia e em terceyro lugar o que vem da Armenia, & Arabia he o peyor; a sua bondade se conhece na cor, sabor, pezo, & cheyro, & em substancia, & que em cada cousa destas se hão de achar certos sinais em a cor, que seja citrino declinante a muyto á maneira de figado; porém transparente, & resplandecente, porque o que he escuro, — não transparente he máo: & també ha de ter bô cheyro, seu proprio, & não estranho adquirido por adulterio; a saber, ha de ser doce declinãte a amargo, & a substancia ha de ser tenra & facil de quebrar, & em pezo ha de ser leve, & quanto mais se apartar destas propriedades, tanto peyor será: Os modernos tambem dividem em tres especies o Azevre, á primeyra chamão Aloes Soccotorina, porque se tirava muyto antigamente, & se trazia da Ilha Socotorá; & assim este Azevre Soccotrino he o melhor de todos, porque he limpo, & de cor morena, luzidio por fóra & por dentro citrino, quebradiço, rezinoso, leve, de gosto muyto

amargo, cheyro desagradavel, & quando piza fica amarelo: Este se tira por insizão, que se faz na planta, pela qual corre o licor, o qual com a força do sol que ha na dita Ilha, se condença, & seca. A segunda especie chamão Aloes Hepatica, porque partindo-o tem a cor de figado, não difere do *Succotrino* senão em ser mais escuro, & algumas vezes se confunde o *Succotrino* com o *Hepatico*; porém deve ser limpo da terra, & de toda a sôrte de imundicia, q̃ os falsificadores lhe costumão ajuntar quando o secão. A terceyra especie de Azevre he a que os Latinos chamão *Aloes Caballina* porque este só serve para curar Cavallos, he mais grosseyro, muyto negro, & muyto pezado, & custa mais a partir, que as primeyras duas especies, por ser mais duro: Este tal Azevre Cavallino se faz, pizando a planta toda, & o çumo della o condença do fogo, ou do Sol, até que fique bem sólido. Entre nós, na estrada que vay para Bemfica, Cintra, & em outras do termo desta Cidade, se defendem as propriedades dos insultos dos animaes, guarneçendo os vallados com huma planta a que chamão *Erva Babosa*, a qual he especie de Azevre; porém não he tão bom como o que se cria nos paizes quentes, como nos da Ilha Socotorá, & mais partes da India.

Desta planta que acima digo, vi o çumo condençaado, o qual tinha cheyro de Azevre, & o mesmo amargo, he negro, & do Cavallino; porém nem este se deve fazer nestas partes, nem usar na medicina, por ser totalmente máo: He o Azevre muyto purgativo, adelgaça o sangue, excita a conjunção mensal, abre as bocas das veas hemorrhoidaes, purga o estomago fortificando-o; porém ha de ser tomado & passado pouco tempo, comer-lhe em cima, porque se assim se não faz excita grandes dores; he bom para matar as lombrigas: Da-se de hum escropulo até meya oytava, sendo que para o uso interno, se deve dar com algum correctivo; no uso externo fás chagas, & resiste a toda a corrupção dos humores.

«A *Camphora*, ou vulgarmente Alcamphor, he huma goma ou lagrima rezinosa branca, muyto volátil, & combústivel, de hum cheyro fortemente penetrante, está cahê das arvores em que nasce, & corre pelos ramos, & troncos das taes arvores, que são tão grandes como Nogueyras, & semelhantes a ellas; o Sol a faz endurecer, & estando assim a colhem os naturaes da terra para o seu uso; diz Mangeto, que estas arvores em que nasce a *Camphora* as ha na Ilha de Borneo, que he no mar Indico, entre as Ilhas Celebês, Jaóa, & Samatra, que he de figura redôda, ou quase redonda cõ quatrocentas legoas de circuito debayxo da linha equinocional, & em outras partes da Azia. Os Holandezes, & as mais nações q̃ vão fazer negocio á dita Ilha cõprão assim a Cãphora, & em vasos sublimatorios, depois a fazem em pães, que he da sôrte que a tra-

zem a este Reyno; a melhor he a mais branca, & transparente, friavel, que lançando-a em cima da agua, arde acendendo-a primeyro, he composta de partes sulphureas; & de sal volatil muyto subtil; he a camphora boa nos malles hystericos, abranda os vapores que do utero sóbem, resiste ao veneno, ajuda, & facilita a respiração; usa-se exteriormente dando-a a cheyrar nos accidentes hystericos, & applicando-a ao embigo.

«O Benjoin he hũa goma resinosa, q̃ sahe sem insizão, & por insizão de hũa grande, & vistosa arvore, grossa com muytos ramos, a qual cresce na India no Reyno de Sião, & Samatra, o páo he muyto duro, as folhas tem semelhança com as de Marmeleyro; porém mais pequenas, & miudas, o dito benjoin se nos traz de tres especies, o primeyro, he aquelle a que chamão de Boninas por ser em lagrima muyto limpo, que correo sem insizão da Arvore, mas este com difficuldade se acha nesta terra, só se se manda vir de encomenda; a segunda especie he aquelle, que se chama Benjoin de Amendoas, & se chama assim, porque partindo-se tem dentro humas lagrimas brancas, que parecem amendoas limpas da péle, & partidas, com cheyro aromatico, & gosto doce; a terceyra especie de Benjoin, he aquelle, que se chama de carregação, este he somenos, mas deve ser limpo, luzidio, ou resplandecente, resinoso, & facil de quebrar, o de boninas he melhor, o que vem em lagrimas, & tem o cheyro summamente aromatico; depois deste se deve escolher, o que for de amendoas, & mais limpo de cor parda declinante a vermelha com as lagrimas brancas, chamadas amendoas, muy cheyroso, resinoso, & quebradiço, & do chamado de Carregação, o melhor, he o mais limpo de pédras, & páos, que costuma trazer & ha de ser cheyroso, & facil de quebrar. He insizivo penetrante, proprio para as chagas dos bófes, he util aos asmaticos, resiste á podridão dos humores, & o seu perfume purifica o ar.

Theriaga, *id est fera*, porque na sua composição o principal simples são as viboras, he hũa Opiata, ou antidoto famoso, que compoz *Andromaco*.

Triaga Magna

Trochiscos de cebola Albarrãa — huma libra.

De Viboras, & Hedricoy, Pimenta longa, Opio Thebaizo — aná seis oytavas.

Rozas vermelhas, Çumo de Alcassus, Sementes de nabos, Escordio, Opobalsamo, por elle oleo de nóz moscada, Canella, Agarico, Costo, Espica cheyroza, Dictamo cretico, Rhapontico, Raiz de Pontentilla, Gengibre, Marroyos Brancos, Rosmaninho,

Esquinantho, Semente de Petrocelino macedonico, Nevada montana, Açafraão, Pimenta branca, & preta, Myrrhatroglodita, Incenço macho, Almecega da India — aná onça & meya.

Raiz de Genciana, Azaro verdadeyro, Funcho branco, Valeriana mayor & de Nardo celtico, Amomo racemozo, Iva arthetica, Cimas de Hypericão, Sementes de Ameos, Mostarda sylvestre, Endro, Funcho, Cleseli de Marcelha & de Cardamomo menor, Folio indo, Cimas de Poliomontano, Camedrios, Pau de Aguila, Çumo de Hyposisthidos, Acasia, Goma Arabia, estoraque calamitha, Terra lemnia, Caparroza, Sagapeno — aná huma oytava.

Raiz de Aristoloquia, Cimas de Centaurea, Opoponaco Galbano. Betume judaico, Castorio — aná meya onça. Mel escumado tanto pezo como de tudo tres vezes, com vinho branco generozo se faça Electuario S. A.

Esta receyta da Triaga magna, ou de Andromacho, he a que se faz no grande hospital de Genova por ordem da sua Republica, & a mesma se faz em Veneza pelos melhores Boticarios daquella Cidade, porém primeyro que se faça poem o Artifice os simples todos em publico depois de escolhidos, & os mostra ao Prothomedico, & aos mais Doutores, & Boticarios para serem vistos por elles, & examinados depois de reduzidos a pó subtil os tornarão a ver, & com esta approvação dá o Senado licença, para que se possa fazer a Triaga, & só a que se faz com os simples expostos a todos, & examinados, he a que se pôde gastar na dita Cidade, & mandar para outras terras, & se nesta nossa houvesse o mesmo zelo, tambem se poderia cá fazer a dita Triaga, & esta receyta me communicou o muyto R. P. Frey Antonio de Genova Capuchinho da Ordê de São Francisco tão insigne na Pharmacea, como na virtude, o qual estando na administração da botiqa do hospital de Genova muytos annos assim a fez varias vezes. No caso, que algum curioso a queyra fazer neste Reyno a pôde fazer na forma seguinte.

Depois de bem escolhidos todos os simples se pizarão juntos, porque assim juntas todas estas drogas se pôdem pizar sutilissimas, sem que se evapore alguma parte da sua virtude, porque as Gomas, & çumos com a viscosidade que tem impedem a evaporação, que se recea, & depois de pizados os simples se escume o Mel, & purifique lançando-lhe alguma porção de Vinho branco, cozendo-o em fogo muyto brando, até que tenha ponto alto de xarope, então se coa, & se tomem tres partes de Mel & huma de pós, & estando o Mel quasi frio se lhe vão lançando os pós pouco, & pouco, & ultimamente se lhe lança a Tormentina, & Oleo de Noz moscada derretidos com alguma porção de Mel quente, depois de

tudo misturado se lançará em vazo grande de barro vidrado, que fique ametade em vazio, & se vá mexendo a materia toda duas, ou tres vezes no dia, para que melhor se fermente, o que se fará por espaço de doze, ou quinze dias, tendo cuydado de tapar bem o vazo quando se acabar de mexer, passado o dito tempo se burriffe com algumas gotas de vinho branco muyto cheyroso, & passados mais alguns dias se o composto estiver duro se lhe lança, o que bastar de vinho, de sorte, que fique em consistencia de Electuario brando; feyto na fôrma dita depois de bem fermentado o composto, se guarda para o uso. Este Antidoto, Triaga, ou Opiata serve contra todas as doenças contagiozas, como peste, febres malignas, bexigas, mordeduras de viboras & de outros bichos peçonhentos, he util nas cólicas flatulentas, lombrigas, asma, febres intermitentes, parlezia, apoplexias, epilepsias, accidentes, & para todos os achaques histericos; em quanto he nova esta Triaga, ou Antidoto, por causa do Opio que leva provoca sono, serve para fazer para as hemorragias, & fluxos do ventre, porém depois que se faz antiga perde a qualidade de sonifera, porque as partes viscozas do Opio se tem adelgado, & exaltadas pela fermentação, de sôrte, que não fica capaz de suspender, nem moderar os espiritos animaes do cerebro que erão precizos para causar sono: A Triaga velha he melhor, que a fresca para resistir ao veneno, porque pela fermentação se subtilizão, & exaltão as suas partes, & ficão mais capazes de dissolver, & adelgaçar a coagulação do sangue & mais humores, ou seja causada de mordedura de bicho, ou de peçonha dada de propozito, ou ar corrupto, ou tambem por causa da muyta quantidade de accidos que por alguma causa se achão introduzidos no corpo; serve a mesma Triaga antiga para fortificar o cerebro, & para excitar transpiração, porque a larga fermentação lhe augmenta mais partes sutis, & proprias para produzir este effecto: dá-se de hum escropulo até huma oytava. O nome Thereaga, ou Triaga se deriva do verbo Grego *Thir*, ou *Thirion* nomes, que valem o mesmo que *Fera*, ou porque as Viboras dão fundamento a esta Triaga, ou tambem por ser remedio, que serve para as mordeduras de qualquer bicho peçonhento. Primeyro que se faça este grande remedio se devem escolher os simples, & examinar como acima dissemos, que todos com facilidade se pôdem achar mandando-os vir de França, & Italia, que sendo sementes por ellas se poderão pôr outras que tenham igual virtude & ficará o composto feito com perfeição»...

Bétel — Antes de Garcia da Orta, que nos Colóquios 7.º e 22.º mencionou o bétel, com a informação de que, os que o trazem na bôca mastigado... «lanção hum cospinho, que parece sangue; e así

purgão a cabeça e o estomago e confortão as gengivas e dentes»... Já o célebre e esquecido Tomé Pires dissera: «Betelle—Folio Indo he betelle. O melhor de qá he do reyno de Goa: desde Chaull até Camboja ho ha: em todas as ylhas até alem de Maluco ho ha em grande avomdança.

Verde, he sustanciall, com avelana India, ou areca, e com a call: sêco pera nada nom presta, que tem a virtude tam sutill, que sêco nam tem cheyro, nem sabor. Em Betelle se sostêm hos homens destas partes tres, quatro dias sem comer outra cousa. Faz grandemente digerir, conforta o cerebro, arreiga os dentes, que homens de qá, que ho comem saam de oytenta anos, e tem todos os dentes geralmente sem lhe falecer algum.

Os que ho costumam comer lhe faz bom bafo, e se hum dia o nom comem, nom lhe podem soportar o bafo.

He mantimento nestas partes!»

Camões, refere-se-lhe assim:

«Bem junto dêle, um velho reverente,
Co'os gíolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde fôlha da erva ardente,
Que, a seu costume, estava ruminando».

D. Caetano, no capítulo *Hiera Pachy*, alude também ao «*Folio Indo*», alegando: «Em alguns Authores se lê na receita Polij, o que se vé ser erro de impressão, porque os mais delles dizem Folij; que he o Folio Indo como diz Lemery, Bauderon, & Francisco Verni na Annotação da mesma *Hiera*; por este tal Folio Indo se poem o Cravo, porque he muyto semelhante, & quasi do mesmo genero do Cravo, assim o diz *Federico Hoffmano super Schroderum* lib. 1.º pag. mihi 437. *Non est Caryophyllorú folium, nec in Syria, aut Agypto nascitur, sed est sui generis folium in India ex arbore decerptum.*

He este remedio tão singular para muytos achaques, que he digno de que o haja em todas as oficinas, & q̃ o ponhão muyto em uso, & vejão o que delle diz o nosso Portuguez João Curvo no trat. 2, cap. 17 n.º 6, pag. mihi 145, & no cap. 29, n.º 12, pag. mihi 232, & em outras mais partes, & João Zuelphero 2, part. in Pharmacop. Aug. mihi pag. 90 diz: *Scribonius Largius Hierum hanc ad Pachium atuhorem refert, & mirificis laudibus in Celum effert. Serve para curar Epilepsias, Manias, dores de cabeça, Asma, difficuldades de respiração, & a outros muytos achaques, assim dos olhos & ouvidos, como da cabeça. Purga admiravelmente o estomago, corrige os vícios do Figado, alimpa o Bófe,*

socorre aos intestinos, & desfaz os tumores do peyto ás mulheres, & finalmente tem muytas mais virtudes, que se pódem ver em Zuelphero no lugar citado, & em Bauderon na Annotação do mesmo: dá-se de dous escropulos até oytava & meya em pirolas agussadas com dous até quatro grãos de Diagridio & em ajudas de meya onça até huma.»

LOTO OU LOTUS

«Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
Dêsses seus Semideuses, e encareçam,
Fingindo magas Círces, Polifemos,
Sirenas que co'o canto os adormeçam;
Dêm-lhe mais navegar á vela e rémos
Os Cícones e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dêm-lhe perder nas águas o pilôto.»

(Canto V, est. 88)

O Dr. Afrânio Peixoto, chama «droga mitológica» ao *loto* «lotus» ou *lódão* e, julga-o simplesmente simbólico, informando-nos que: «Com êsse nome designam-se hoje vegetais diversos, terrestres e aquáticos; um dêles, *Nelumbum speciosum*, tem raiz saborosa e suco embriagante, o que parece justificar a fama mitológica. Aliás esta é muitas vezes atribuída à água e até aos ares de certas paragens: por êles se esquece a Pátria, no amor novo».

Do «*Dictionnaire Abregé de la Fable de P. Chompré, M. de Pension*», referente ao ano de 1740, transcrevemos:

«*Driope, Nymphé d'Arcadie, aimée de Mercure. Tenant un jour son fils entre ses bras, elle arracha une branche de lotos pour l'amuser. Bacchus à qui cette plante étoit consacrée, en fut si irrité, qu'il la métamorphosa en arbre: elle n'eut. Que le tems d'appeller sa soeur pour prendre l'enfant, qui auroit été enfermè avec elle dans l'écorce*».

Da família das ninfeáceas, o *lotus* simboliza na China a religião budista, julgando-se que na beleza da sua flor dum branco azulado e nos curiosíssimos movimentos que faz, mergulhando ou sobressaindo das águas, Buda se inspirou para prégar ao seu povo a verdade da Vida...

No entanto, a tal espécimen botânico, nem Garcia de Orta, nem Tomé Pires, nem até mesmo o Conde de Ficalho, fizeram qualquer referência pela qual possamos, hoje, colhêr a obrigação de o reivindicarmos para a Farmácia, com foros de farmaco.

LODOICEA SEYCHELLARUM

Do fruto desta planta, «o pomo contra o veneno urgente» a que se refere o poeta, diz-nos o Conde de Ficalho não ter encontrado «nas relações dos viajantes da idade média notícia», apesar de Barros se lhe ter referido, informando que nas Maldivas: «em algumas partes debaixo da água salgada nasce outro género delas (palmeiras), as quais dão um pomo maior que o côco», com propriedades medicinais, contra a «peçonha», superiores às da pedra bezoar...

Garcia de Orta, célebre físico do Século XVI, que a edibilidade da Capital crismou como botânico numa deselegante afronta profissional, também citou, embora sob remissa, a existência dumas palmeiras que submersas criavam aquêles grandes «côcos», dos quais não conhecia a acção farmacológica por ter á sua disposição «bezar, triaga, terra segiellata e outras»...

A história dêste «pomo», perde-se no vasto e fantasioso campo do Passado, ligada ao *geruda*, ao *angka* e ao *roc*, sinónimos daquele grande pássaro, o «*rochêdo*», que ao deixar cair uma enorme pedra sôbre o navio em que Sindbad viajava, «o fêz em mil pedaços», como represália por lhe terem roubado um ovo, donde tiraram, «a golpes de machado», um implume «*rochêdo*», que aos pedaços assaram, e comeram, pantagruêlicamente!...

Novembro — 1945.

Preparação de especialidades em Farmácias

Segundo a portaria n.º 9486 os proprietários de Farmácia devem remeter à Inspeção do Exercício Farmacêutico durante o mês de Janeiro, as notas dos nomes e princípios activos das especialidades preparadas nas farmácias.

As farmácias que remeteram o ano passado essas notas, devem indicar apenas as alterações ocorridas durante o ano de 1941: especialidades novas introduzidas no mercado e as que tiverem sido retiradas dêle. No caso de não haver alteração, deve confirmar-se a nota entregue em Janeiro do ano findo.

Tôdas as notas são feitas em papel comum e com a assinatura reconhecida.

ACTIVIDADE CIENTÍFICA **NACIONAL E ESTRANGEIRA**

Sociedades — Congressos — Actualidades

PROF. DOUTOR RAUL DE CARVALHO

Para a vaga de Director da Escola de Farmácia de Lisboa — resultante do falecimento do ilustre Prof. Doutor Lupi Nogueira — foi nomeado o Sr. Prof. Doutor Raúl de Carvalho que já há anos rege as cadeiras de Criptogamia e Fermentações, Farmacofísica e Deontologia e Legislação Farmacêutica naquele estabelecimento de ensino superior.

Felicitando o ilustre catedrático, fazemos votos para que, durante a sua directoria, a Escola de Farmácia de Lisboa alcance o justo lugar de relêvo que a coloque a par dos outros estabelecimentos universitários, mormente no que respeita ao aumento de dotações orçamentais, melhoria de instalações e apetrechamento laboratorial para que, num ritmo crescente, se melhore o ensino de Farmácia, o qual todos os profissionais desejam elevado ao máximo grau de desenvolvimento e prestígio.

PRÉMIO «COMPANHIA PORTUGUESA HIGIENE»

Concorreram a este Prémio, relativo ao ano de 1945:
«Sizandro» com o trabalho: «Sobre derivados iodados de algumas sulfamidas»;

«Castelo» com o trabalho: «Acêrca da dosagem de vestígios de arsénio pelo método da Farmacopeia Portuguesa»;

«Alcora & Alpe» com o trabalho: «Contribuição para o estudo do mecanismo da acção das sulfamidas».

O Júri para apreciação destes estudos, é composto pelos Excelentíssimos Senhores: Prof. Doutor D. António Pereira Forjaz, Prof. Doutor Toscano Rico e Dr. Carlos Cândido Coutinho.



PRÉMIO «DOUTOR MANUEL FERNANDES CRUZ»

O Prémio «Doutor Manuel Fernandes Cruz», instituído pelo Ex.^{mo} Senhor Carlos José de Oliveira não foi outorgado em 1944, tendo transitado

para o ano imediato, sem prejuízo do de 1945. Assim, aos dois Prémios apresentaram-se como concorrentes:

«Alpe & Alcora» com: «Estudo químico-farmacognóstico da Gomphrena Globosa Lin.»;

«Alvor» com: «Contribuição para o estudo da beladona nacional».

O júri respectivo é composto pelos Ex.^{mos} S.^{res}: Prof. Doutor Teles Palhinha, Prof. Doutor Pinheiro Nunes e Prof. Dr. Aloísio Fernandes Costa.

Das Revistas e dos Jornais

NOVOS REMÉDIOS

Succinlorimida. Ref. do C. Ph. Chem.: J. A. M. A. 129, 277 (1945).

Trata-se dum novo desinfectante da água, contendo cêrca de 25% de Cl, utilizado na proporção de 11,6 mg. por litro, que é quimicamente a N'-clorosuccinimida, de fórmula:



É um pó branco ou levemente amarelado, de cheiro a cloro, pouco solúvel na água (1,6%) com reacção ácida, p.f. = 147°-150°.

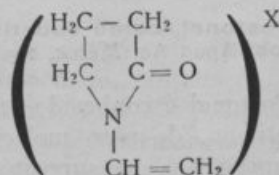
Referem-se reacções de caracterização e o ensaio de pureza do produto.

Sulmefrin. Ref. dos Lab. Squibb, apud Mon. Farm. Terap. 51,388 (1945).

Com este nome acha-se especializada uma solução aquosa estabilizada a 2,5% de sulfatiazol sódico e 0,125% de cloridrato de desoxiefedrina, para uso nasal.

Perliston. Apud Ph. J. 135,182 (1945).

Com este nome foi empregado na Alemanha, em sol. a 2,5%, como substituto do sangue, um produto sintético, com a seguinte fórmula:



ANÁLISE QUÍMICA

Determinação do D. D. T. nos pós e preparados líquidos.
F. A. Gunther: Ind. Eng. Chem. (An. Ed.) 17,149 (1945) apud Bol. Soc. Quím. Peru, 11,83 (1945).

O método consiste na extracção da amostra com benzeno, separação dêste a certa temperatura, saponificação com OHK, alcoólica, sob refluxo, e determinação final do ClK obtido.

Esta é feita, em meio azótico, com um excesso de $\text{NO}_3 \text{ Ag}$, titulado, determinando-se êste excesso com sulfocianato de potásio, à maneira habitual.

Novo método de microdeterminação dos cianetos e sulfocianatos. W. N. Aldridge: Analyst 69,262 (1944) apud J. A. Ph. A. (Abst.) 34,239 (1945).

Estes compostos, pela acção da água de Br transformam-se em brometo de cianogénio.

Êste produto dá com um soluto de benzidina, em piridina diluída, uma coloração intensa vermelho-alaranjada.

A reacção pode utilizar-se em determinações quantitativas, nos líquidos biológicos.

BROMATOLOGIA

Pesquisa de bromatos no pão. A. Fruttero: Rev. Col. Farm. Nac. (Rosário) 12,63 (1945).

O A. refere uma modificação da técnica de Denigés-Chelle, que seria segura e rápida.

O método consiste em transformar (no soluto aquoso das cinzas) os bromatos em Br livre, pelo $\text{ClH} + \text{CrO}_4 \text{ K}_2 + \text{SO}_4 \text{ H}_2$; o Br caracteriza-se depois com soluto de fucsina-sulfúrica e clorofórmio.

Uma reacção positiva é indicada por coloração violeta do CHCl_3 .

FARMÁCIA GALÊNICA

O emprêgo do Postonal, como substituto da manteiga de cacau, em supositórios. Apud An. Merck, 203 (1943).

Com o nome de Postonal é conhecido um produto de polimerização do óxido de etileno, de pêso molecular elevado, solúvel em água, que pode empregar-se em supositórios, como sucedâneo

da manteiga de cacau. K. Lange cita a seguinte fórmula, que tem p.f. = 40°-45° :

Postonal	50 p.
Lanolina	25 "
Glicerina	20 "
Água destilada	5 "

Um bom excipiente hidrófilo para pomadas. Apud J. A. Ph. A. (Pr. Ed.) 6,127 (1945).

Refere-se a seguinte fórmula, conhecida nos E. U. A. com o nome de *Aqua-base* :

Colesterina	} aã 3 g.
Óleo de algodão	
Vaselina	94 "

MICROBIOLOGIA

Preparação do soluto de roxo de gencliana, para o método de Gram. M. A. Nau: Bull Trav. Soc. Ph. Bord. 12, (1945) apud Mon. Farm. Therap. 51,386 (1945).

O A. verificou que durante os meses quentes o soluto era mais estável. Depois de várias experiências o A. propõe a seguinte técnica:

Num frasco de rólha esmerilhada colocar 1 g de roxo de gencliana e 10 cm³ de álcool a 90°; tapar e colocar na estufa a 37° (24 h.). Juntar depois 100 cm³ de água fênica a 5%. Agitar e conservar na estufa a 37°.

Dêste modo o soluto mantém-se estável, não necessitando de filtração prévia antes de usar.

Centro de Documentação Farmacêutica

QUÍMICA FARMACÊUTICA

da Ordem dos Farmacêuticos

Método de doseamento do iodo nas iodo-peptonas. V. Lucas: Rev. Bras. Farm. 26,81 (1945).

O A. começa por historiar os diferentes métodos usados para o doseamento do iodo em compostos orgânicos. Aconselha, como melhor, uma técnica baseada no doseamento no I no *Yatren* e que consiste no seguinte :

Pesar 0,5 g em E.M. de 30 cm³; juntar 5 cm³ de soda a 15% ; misturar ; aquecer a b. m. (alguns m.); diluir com 50 cm³ de OH₂+50 cm³ de MnO₄K a 2% ; aquecer a banho maria (30 m.); decorar o excesso de permanganato com álcool, gota a gota ; aquecer mais 5 m.; arrefecer ; completar 250 cm³ com

OH_2 ; agitar; filtrar; a 125 cm^3 do filtrado límpido, juntar 7 g de $\text{IK} + 10 \text{ cm}^3$ de SO_4H_2 a 25% e titular com $\text{S}_2\text{O}_3\text{Na}_2$, N/10 ao fim de 30 m.

1 cm^3 de hipossulfito = 2,1165 mg de I.

Bibliografia

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Com destino à *Biblioteca da Sociedade Farmacêutica Lusitana* recebemos as seguintes publicações:

OFERTAS DE AUTORES E EDITORES

Diversos:

- «A Agricultura em Inglaterra».
- «A Consciência Social na Grã-Bretanha».
- «Actas y Trabajos» da Universidade de Tucuman.
- «Actualidades Biológicas» do Instituto Rocha Cabral.
- «Cartas de E. para Brotero».
- «Dez Anos de Alegria no Trabalho» (F.N.A.T.).
- «Dez Anos de Política Social» (I.N.T.P.).
- «In Memoriam Joaquim Pedro de Moraes».
- «Organização Corporativa» (G.A.M.).
- «Recenseamento (VII) Geral da População» (I.N.E.).
- «Sezonismo» (D.S.A.S.).
- «Ultramar (O) Português» (Ag. G. Col.).

Separatas:

- «A Farmácia está doente? Como evitar a sua morte» por *Adolfo Teixeira*.
- «Algumas palavras acerca da contribuição dos religiosos portugueses para o estudo e desenvolvimento das ciências farmacêuticas» — por *Manuel Pinheiro Nunes*.
- «Plantas Úteis Medicinais» — por *Manuel Pinheiro Nunes*.
- «Contribuição ao estudo de Bilirubinemia» — por *Gerardo Majella Bijos*.
- «Contribuição ao estudo da eliminação e da concentração de aneurina nos humores» — por *Gerardo Majella Bijos*.
- «O pH das soluções injectáveis e colírios aquosos» — por *Luís da Silva Carvalho*.
- «Oportaciones al estudio del Benjuí» — por *Albano Pereira Júnior*.

VIDA PROFISSIONAL

ORÇAMENTO ORDINÁRIO DA RECEITA E DA DESPESA DO SINDICATO NACIONAL DOS FARMACÊUTICOS PARA 1946

RESUMO

Cotizações	183.960\$00
Juros	455\$40
Receitas diversas	46.000\$00
<i>Total das receitas</i>	<u>230.415\$40</u>

Aquisições	4.000\$00
Despesas de Administração	124.399\$00
Despesas de Representação Profissional	38.800\$00
Despesas de Educação e Assistência	60.998\$00
<i>Total das despesas</i>	<u>228.197\$00</u>

Aprovado em sessão da Direcção de 14 de Novembro de 1945.

A DIRECÇÃO,

Prof. Doutor Manuel Pinheiro Nunes
Doutor Aluísio Marques Leal
Dr. António Augusto Moz Teixeira
Dr. Luís de Sousa Dias

Arti- gos	Designação das receitas	Importâncias por artigos
1.º	COTIZAÇÕES	
	a) de 1439 sócios	172.680\$00
	b) de 16 contribuintes	1.020\$00
	c) da Secção do Porto	9.360\$00
		<u>183.960\$00</u>
5.º	JUROS	
	b) de papéis de crédito	455\$40
7.º	RECEITAS DIVERSAS	
	a) de Carteiras Profissionais, revalidações, averbamentos e reembolso de portes ..	5.900\$00
	b) de encargos de admissão	2.500\$00
	c) de reembolso de impressos	1.600\$00
	d) de «Jornal» — anúncios, assinaturas e reembolso de separatas	36.000\$00
		<u>46.000\$00</u>
	<i>Total das receitas</i>	<u>230.415\$40</u>

Capítulos	Artigos	Designação das despesas	Importâncias por capítulos
I		AQUIZIÇÕES	
	1.º	AQUIZIÇÕES DE:	
		c) Biblioteca	4.000\$00
			4.000\$00
II		DESPESAS DE ADMINISTRAÇÃO	
	2.º	DESPESAS COM PESSOAL ADMINISTRATIVO:	
		a) Chefe da Secretaria.. 15.600\$00	
		b) Dactilógrafo	9.000\$00
		c) 1 escriturário e 1 ajudante	14.400\$00
		d) Guarda-livros.....	5.400\$00
		e) 1 escriturário (serviço nocturno).....	4.800\$00
		f) cobrador-contínuo (ordenado e comissões com «passé»)	8.700\$00
		g) subvenção de 15% ao pessoal reterido nas alíneas a), b) e c)	5.850\$00
			63.750\$00
	3.º	DESPESAS DE REPARAÇÃO:	
		a) Imóveis.....	500\$00
		b) Móveis	250\$00
		c) Instalação eléctrica (renovação)	2.250\$00
			3.000\$00
	4.º	EXPEDIENTE:	
		a) Impressos e artigos de expediente	4.800\$00
		b) Portes de correio, telegramas e telefone ...	4.700\$00
			9.500\$00
	6.º	ÁGUA, LUZ E LIMPEZA.....	3.600\$00
	7.º	OUTRAS DESPESAS DE ADMINISTRAÇÃO:	
		a) Caixa de Abono de Família do Pessoal dos Org. Corp. e de Coord. Económica.....	3.699\$00
		b) Cont. Predial	1.850\$00
		c) Despesas de cobrança	14.000\$00
		d) Catalogação, conservação da Biblioteca e impressão do catálogo (em separata).....	20.000\$00
		e) Transportes, avisos, seguro e outros gastos de execução estatutária	5.000\$00
			44.549\$00
			124.399\$00
		<i>A transportar</i>	128.399\$00

Capítulos	Artigos	Designação das despesas	Importâncias por capítulos
		<i>Transporte</i>	128.399\$00
III		DESPESAS DE REPRESENTAÇÃO PROFISSIONAL	
	8.º	DESPESAS COM DIRECTORES:	
		a) Transportes	3.000\$00
	10.º	FISCALIZAÇÃO (DEC. 30.428):	
		a) Remuneração do Consultor Técnico e do Fiscal (centro)	10.800\$00
		b) Deslocações e diversos	5.000\$00
		c) Comparticipação para a fiscalização do Porto	20.000\$00
			35.800\$00
			38.800\$00
IV		DESPESAS DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA	
	11.º	FUNÇÃO EDUCATIVA E RECREATIVA:	
		a) Cont. para a F.N.A.T.:	
		— ano de 1946	9.198\$00
		— por c/ do débito anterior	6.000\$00
		b) Impressão e administração do «Jornal dos Farmacêuticos» (6 números)	45.000\$00
	13.º	SUBSÍDIOS:	
		a) Beneficência	800\$00
		<i>Total das despesas</i>	228.197\$00
		<i>Saldo do orçamento</i>	2.218\$40
			230.415\$40

Centro de Documentação Farmacêutica

da Ordem dos Farmacêuticos

MOVIMENTO DE ESTUPEFACIENTES

De harmonia com o Decreto 12.210 deve enviar-se, todos os trimestres, à Inspeção do Exercício Farmacêutico, *em duplicado*, o MAPA DO MOVIMENTO DE ESTUPEFACIENTES.

FALECIMENTOS

Faleceram no decurso dêste ano, os seguintes sócios:

Dr. Adelino Fernandes — Vila Nova de Ourém
Adelino José da Silva — Braga
António Ferreira Pinto — Lisboa
António Rodrigues Marques — Viseu
Arnaldo José Ferreira da Costa — Pôrto
Artur Casse Fialho — Lisboa
Henrique Freire de Oliveira Garcez — Midões (Tábua)
João Celestino Faria Pereira — Beja
João José de Brito — Vila Praia de Ancora
João Moraes Camacho — Lisboa
João Pais da Cunha Mamede — Pampilhosa do Botão
João Teodoro da Silva Monteiro — Pôrto de Lage
Joaquim Henriques Soares — Canas de Sabugosa
José Agostinho Gramacho Rebêlo — Moreira da Maia
José Baptista — Lisboa
José Joaquim Lopes de Almeida — Vila Franca das Naves
Júlio César de Magalhães — Almada
Prof. Doutor Raúl Lupi Nogueira — Lisboa
Silvestre Roque Massa — Sernancelhe.

As Famílias enlutadas apresentamos sentidos pêsames.

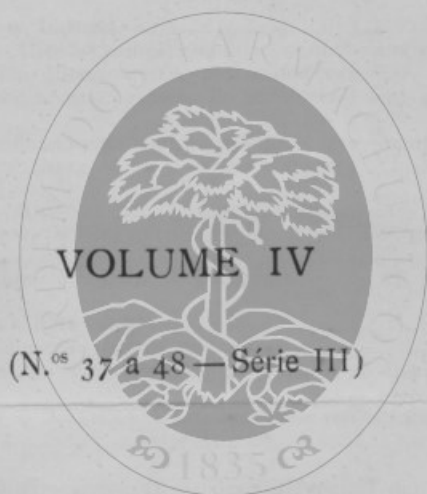
Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Prática Farmacêutica dos Ajudantes

Para não incorrer nas penalidades do § único do Art. 24.º do Decreto 17:636 deve enviar-se, à Inspeção do Exercício Farmacêutico, anualmente, de 1 a 30 de Janeiro a

NOTA DA PRÁTICA FARMACÊUTICA

ÍNDICE



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

1945

«JORNAL DOS FARMACÊUTICOS»

LISBOA



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Prática Farmacêutica dos Ajudados

1) ASSUNTOS

	Pág.
Anidrido (O) carbónico nas águas	73
Beladona (Nota sôbre a dosagem dos alcaloides da)	8
Benazonaftol (Nota sôbre uma reacção do)	12
Centenários (Seis) científicos: Breve evocação de dois franceses, dois ingleses e dois suecos	122
Farmácia (A) dos Lusíadas	187
Fenilalquilaminas (Novas) simpaticométricas-anfetamina e derivados	41
Fenil-semicarbazida (Bromometria potenciométrica da)	119
Fenol (Nota sôbre a caracterização do iodofórmio com o)	10
Iodo livre e combinado na tintura de iodo, por manganometria potenciométrica (Nota sôbre o doseamento do)	33
Más y Guindal (Dr.)	125
Método (Novo, para o doseamento rápido dos ácidos gordos num sabão)	1
Métodos (Os) químico analíticos portugueses	185
Perpétuas Roxas? (Que são)	69
Pirogénio (Considerações acerca do)	157
«Primeira Embaixada à Cirúrgia» (Alguns reparos ao livro)	179
Resorcina (Sôbre o doseamento bromométrico da)	113
Roentgen	15
Sulfadiazina e sulfametazina (Reacções diferenciais da)	141
Sulfanilamida por bromometria potenciométrica (Nota sôbre o do- seamento da)	37

2) AUTORES

	Pág.
COSTA TORRES (A)	179
COUTINHO (Carlos Cândido)	73
FILIPE (Maria Avelina R.)	113
MARQUES LEAL (Aluísio)	8-41-113
MATOS JÚNIOR (Mannel Godinho de)	10
OLIVEIRA (Januário de)	8
PAQUETE (Eduardo)	157
PEREIRA FORJAZ (D. António)	15-122
SANTOS PEREIRA (Luís dos)	1
SILVEIRA (Carlos)	119
SOUSA COUTINHO (Maria A.)	73
TEIXEIRA (Adolfo)	125
TELLES PALHINHA (Ruy)	69
VALE SERRANO (J. F.)	33-37



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



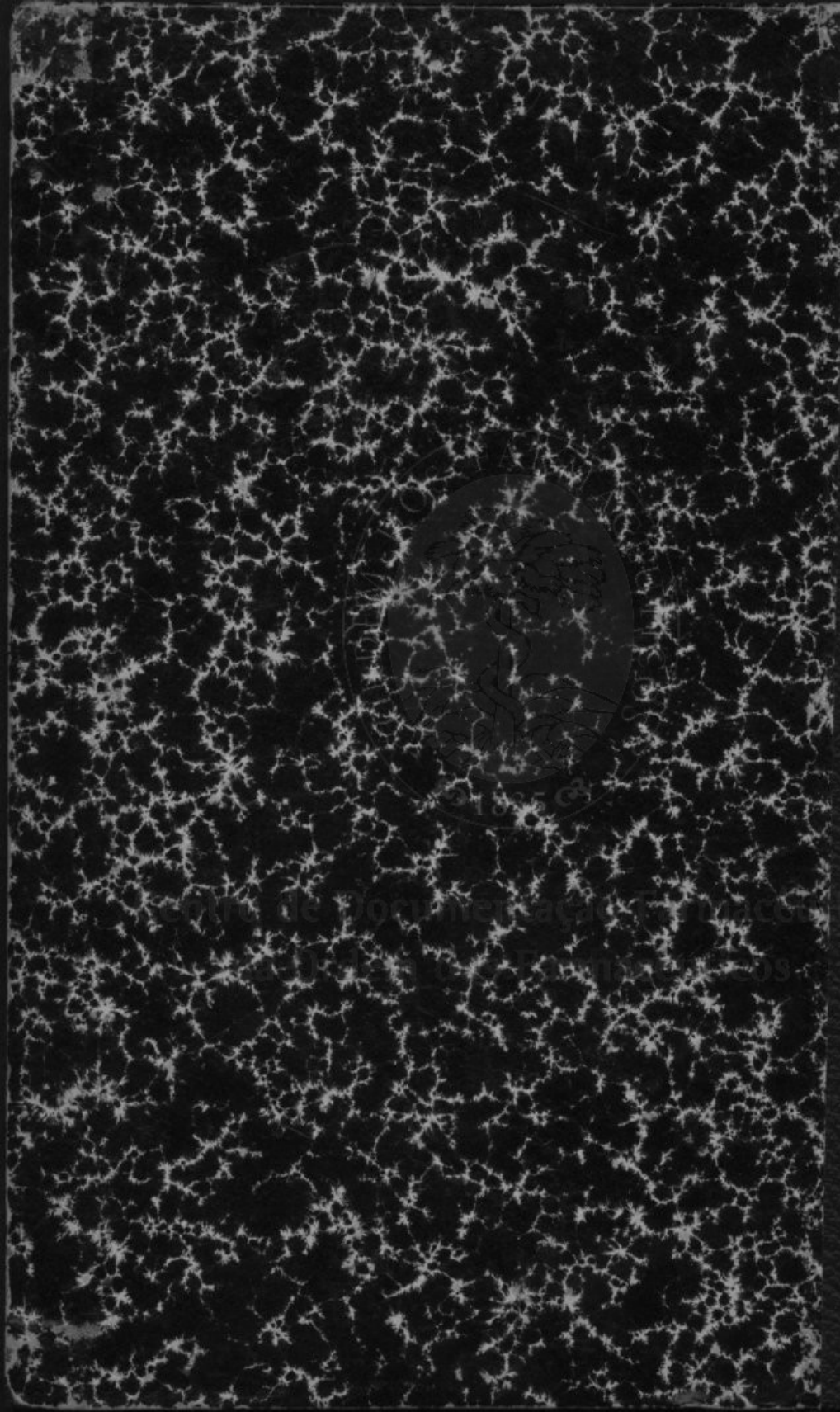
Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



V
F
W

Jornal

dos

Farmacêuticos

1835

1945

SNK